

**O ESPIRITISMO EM SUA  
EXPRESSÃO MAIS SIMPLES**

**A.M.A.**

**RESUMO DAS LEIS  
AS DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS  
GRUPO ESPÍRITA FRATERNO**



**CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA**

Allan Kardec

Tradução livre dos seguintes originais de Allan Kardec:

***“Le Spiritisme a sa plus simple expression”***  
***“Résumé de la loi des phénomènes spirites”***  
***“Caractères de la révélation spirite”***

Distribuição gratuita para os frequentadores do



Impressão: TARFC Indústria Gráfica  
Editoração eletrônica: Leandra Sant'Anna  
Tradução: Henrique Seraphim Jr.  
Permitida a reprodução desde que citada a fonte.  
São Paulo, maio de 2011

## APRESENTAÇÃO

**O A.M.A – ASSISTENCIA MAIS AMOR – GRUPO ESPÍRITA FRATERO**, consciente de sua responsabilidade na divulgação da Doutrina Espírita codificada por Allan Kardec, coloca à disposição dos interessados, gratuitamente, estes textos que foram originalmente publicados na *Revista Espírita* e que serão de muita utilidade não apenas para os que estão se iniciando na doutrina, como também para aqueles que desejam atualizar seus conhecimentos.

O texto inicial, "O Espiritismo em sua Expressão mais Simples", é uma exposição resumida do ensinamento e das manifestações transmitidas pelos Espíritos.

Na versão final, publicada em janeiro de 1862, o documento está subdividido em três capítulos: "Histórico do Espiritismo", "Resumo do Ensinamento dos Espíritos" e "Máximas extraídas do Ensinamento dos Espíritos"

O texto seguinte, "Resumo das Leis dos Fenômenos Espíritas", foi publicado em outubro de 1865 e, de acordo com a apresentação feita pelo próprio Kardec, "é uma instrução que visa principalmente as pessoas que não têm nenhuma noção do Espiritismo, para as quais se deseja passar uma idéia resumida em poucas palavras, ... e é indicado no início dos cursos de Aprendizado Doutrinário"

O texto é, portanto, um verdadeiro programa do Curso Básico de Espiritismo, ditado pelos Espíritos e compilado por Kardec.

No "Caráter da Revelação Espírita", publicado originalmente em setembro de 1867 e que se transformou posteriormente no Capítulo I do livro "A Gênese", publicado em janeiro de 1868, os Espíritos, através de Kardec, nos transmitem extraordinário conteúdo doutrinário, que serviram de base para Kardec lutar contra os preconceitos dirigidos contra o Espiritismo pela sociedade cientificista e materialista da época.

Como afirmamos anteriormente, estes textos servem como porta de entrada, como primeiro contato, com a Doutrina dos Espíritos, e devem ser complementados com a leitura e o estudo das obras básicas da codificação, da *Revista Espírita* e dos livros de autores espirituais como Emmanuel e André Luiz, psicografados por Chico Xavier.



**A.M.A**

**ASSISTÊNCIA MAIS AMOR  
GRUPO ESPÍRITA FRATERNO**

Rua Henrique Elkis, 9  
Vila Romana (Lapa), São Paulo, SP  
[www.grupoama.org.br](http://www.grupoama.org.br)

**HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO**

Segundas-feiras às 19h30  
Quintas-feiras às 19h30  
Sábados às 16h45

**CURSO APRENDIZES DO EVANGELHO**

Preparatório – Básico 1 – Básico 2  
Aulas às terças-feiras às 20h00

**CURSO DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO**

Aulas às quartas-feiras às 20h00

**ESTUDO DO MAGNETISMO ANIMAL**

Reuniões aos sábados às 15h00

**ATENDIMENTO SOCIAL**

Atendimento às gestantes carentes  
Sábados (quinzenalmente) às 08h30

**A.M.A**

ASSISTÊNCIA MAIS AMOR

GRUPO ESPÍRITO-TERNO

**O ESPIRITISMO EM SUA  
EXPRESSIONE MAIS SIMPLES**



Janeiro/1862

## INTRODUÇÃO

Allan Kardec publicou na *Revista Espírita*, em janeiro de 1862, o seguinte comentário sobre o livreto “O Espiritismo em Sua Expressão Mais Simples”, que acabava de editar:

“O objetivo desta publicação é dar, num quadro muito resumido, o histórico do Espiritismo e uma idéia suficiente da Doutrina dos Espíritos, para que possamos compreender seu objetivo moral e filosófico.

Pela clareza e pela simplicidade do estilo, procuramos colocá-lo ao alcance de todas as pessoas.

Contamos com a colaboração de todos os verdadeiros Espíritas para ajudar em sua propagação”.

**Allan Kardec**

Este texto, que é uma exposição resumida do ensinamento dos Espíritos e de suas manifestações, compõe-se de três capítulos:

“Histórico do Espiritismo”

“Resumo do ensinamento dos Espíritos”

“Máximas extraídas do ensinamento dos Espíritos”

## HISTÓRICO DO ESPIRITISMO

Por volta de 1850, a atenção das pessoas dos Estados Unidos foi despertada para a ocorrência de diversos fenômenos estranhos - ruídos, pancadas e movimento de objetos -, sem causa conhecida.

Esses fenômenos aconteciam muitas vezes espontaneamente, com uma intensidade e persistência singulares, e ocorriam particularmente sob a influência de certas pessoas. Estas pessoas, às quais se deu o nome de *médiuns*, podiam de certa forma provocá-los à vontade, permitindo a repetição dessas experiências.

Para a realização destas experiências optou-se pela utilização de mesas, pois sendo a mesa um objeto móvel, é mais cômodo, mais fácil e natural sentar-se em volta de uma delas do que de qualquer outro móvel. Obteve-se inicialmente a rotação, o giro, da mesa, seguida depois por movimentos em todos os sentidos, saltos, reversões, flutuações, pancadas violentas, etc.

Este fenômeno foi designado, a princípio, com o nome de *mesas girantes* ou *dança das mesas*.

Este fenômeno podia, até então, ser explicado perfeitamente pela utilização de uma corrente elétrica ou magnética, ou pela ação de um fluido desconhecido. Esta foi, aliás, a primeira opinião formada a respeito. Mas rapidamente foram constatados efeitos inteligentes nesses fenômenos; notou-se que o movimento obedecia a uma determinada vontade: a mesa ia para a direita ou para a esquerda, em direção a uma pessoa designada, ficava sobre um ou dois pés quando comandada, batia no chão o número de vezes pedido, agia compassadamente, etc. Ficou então evidente que a causa não era puramente física e, a partir do axioma segundo o qual *Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente*, concluiu-se que a causa desse fenômeno devia ser uma *inteligência*.

Qual era a natureza dessa inteligência? Essa era a questão.

A primeira idéia estudada foi que podia ser um reflexo da inteligência do médium ou dos assistentes, mas a experiência logo demonstrou a impossibilidade dessa idéia, porque os resultados obtidos estavam completamente fora do pensamento e dos conhecimentos das pessoas presentes, e até mesmo em contradição com suas idéias, vontades e desejos.

Concluiu-se então que esta inteligência só podia pertencer a um ser invisível.

A maneira de verificar a origem destes movimentos era bem simples: bastava iniciar uma conversa com essa entidade por meio de um número convencional de batidas, que significavam sim ou não, ou que designavam as letras do alfabeto, obtendo-se dessa forma respostas para as diversas questões que lhe dirigiam.

O fenômeno foi designado pelo nome de *mesas falantes*.

Quando interrogados sobre sua natureza, todos os seres que se comunicaram dessa forma declararam serem Espíritos e pertencerem ao mundo invisível. Como estes efeitos eram produzidos em um grande número de localidades, através da intervenção de pessoas diferentes, e acompanhados por homens sérios e esclarecidos, não era possível que todas as pessoas fossem vítimas de uma ilusão.

Da América, esse fenômeno passou para a França e para o resto da Europa onde, por alguns anos, as mesas girantes e falantes estiveram na moda e se tornaram o divertimento dos salões; depois, quando as pessoas se cansaram, deixaram-nas de lado, em busca de outra distração.

O fenômeno não demorou a apresentar-se sob um novo aspecto, que fez com que deixasse de ser uma simples curiosidade. Os limites deste resumo não nos permitem segui-lo em todas as suas fases; assim passamos, em transição direta, para o que ele oferece de mais característico, que atraiu sobremaneira a atenção das pessoas sérias.

Salientemos, inicialmente, que a realidade do fenômeno encontrou numerosos opositores; alguns, sem levar em conta a ação desinteressada e a honradez dos experimentadores, só enxergaram uma fraude, um hábil golpe de mágica. Os materialistas, que não admitem nada fora da matéria, que só acreditam no mundo visível, que acham que tudo morre com o corpo, em resumo, os que se auto-qualificam de *espíritos fortes*, repeliram a existência dos Espíritos invisíveis, lançando-os no campo das fábulas absurdas, tacharam de loucos os que levavam a coisa a sério, e os cumularam de sarcasmos e zombarias.

Outros, não podendo negar os fatos, e estando sob o domínio de idéias preconcebidas, atribuíram esses fenômenos à influência exclusiva do diabo e procuraram, assim, assustar os tímidos. Atualmente, porém, o medo do diabo perdeu muito de seu prestígio; falaram tanto dele, pintaram-no de tantos modos, que

as pessoas se familiarizaram com essa idéia e muitas acharam que era preciso aproveitar a ocasião para ver o que ele realmente é. Temos como resultado que, à parte um pequeno número de mulheres medrosas, o anúncio da chegada do verdadeiro diabo tinha algo de atraente para aqueles que só o tinham visto em pinturas ou nos teatros; ele foi um poderoso estimulante para muita gente, de modo que os que quiseram levantar, por esse meio, uma barreira às novas idéias, agiram contra seu próprio objetivo e tornaram-se, sem o querer, agentes propagadores, tanto mais eficazes quanto mais fortes gritavam.

Outros críticos não tiveram maior sucesso porque, em face da constatação de fatos e de raciocínios categóricos, só conseguiram opor negações. Leiam o que eles publicaram e em toda parte encontrarão a prova da ignorância e da falta de observação séria dos fatos, e em nenhum lugar será encontrada uma demonstração definitiva de sua impossibilidade. Toda a argumentação deles resume-se ao seguinte raciocínio: "Eu não acredito, então não existe; todos os que acreditam são loucos, e somente nós temos o privilégio da razão e do bom senso." É impossível calcular o número de adeptos feitos pela crítica séria ou burlesca, porque em todas elas só se encontram opiniões pessoais, vazias de provas em contrário. Continuemos com nossa exposição.

As comunicações por pancadas eram lentas e incompletas; constatou-se, então, que fixando um lápis a um objeto móvel (cesto, prancheta ou outro qualquer, sobre o qual se colocavam os dedos), esse objeto começava a movimentar-se e a traçar caracteres. Verificou-se, mais tarde, que esses objetos eram acessórios que podiam ser dispensados. A experiência demonstrou que o Espírito podia agir sobre um corpo inerte dirigindo-o à vontade, e que podia agir da mesma forma sobre o braço ou a mão, conduzindo o lápis. Surgiram então os médiuns escritores, ou seja, pessoas que escreviam de modo involuntário, sob o impulso dos Espíritos, de quem eram instrumentos e intérpretes.

A partir daí, as comunicações não tiveram mais limites, e a troca de pensamentos pôde ser feita com tanta rapidez e desenvolvimento quanto entre os vivos. Era um vasto campo aberto à exploração, à descoberta de um mundo novo: o mundo dos invisíveis, da mesma forma como o microscópio havia desvendado o mundo dos infinitamente pequenos.

#### **Que são esses Espíritos? Que papel desempenham no Universo? Com que propósito se comunicam com os mortais?**

Estas eram as primeiras questões que precisavam ser resolvidas.

Os próprios Espíritos informaram que eles não são seres à parte na criação, mas as próprias almas daqueles que viveram na Terra ou em outros mundos; que essas almas, depois de haver se libertado de seu corpo físico, povoam e percorrem o espaço.

Não houve mais dúvidas quando muitos reconheceram, entre eles, parentes e amigos, com quem podiam conversar; quando estes vieram dar prova de sua existência, demonstraram que a morte para eles aconteceu apenas no corpo material, e que suas almas ou Espíritos continuavam a viver e estavam ali junto de nós, vendo-nos e observando-nos como quando eram vivos, cercando de cuidados aqueles que amaram, e cuja lembrança é para eles uma doce satisfação.

Fazemos, geralmente, uma idéia completamente falsa dos Espíritos; eles não são seres abstratos, vagos e indefinidos, como muitos imaginam, nem algo como um clarão ou uma centelha; são, ao contrário, seres muito reais, que têm sua individualidade e forma determinadas. Podemos ter uma idéia aproximada deles através da seguinte explicação:

Existem três aspectos essenciais no homem: a Alma ou Espírito, princípio inteligente no qual residem o pensamento, a vontade e o senso moral; o Corpo, envoltório material, pesado e grosseiro, que permite o relacionamento do Espírito com o mundo exterior, e o Perispirito, envoltório fluídico, leve, que serve de ligação e de intermediário entre o Espírito e o Corpo.

Quando o envoltório exterior está gasto e não pode mais funcionar, ele perde a utilidade e o Espírito despoja-se dele como o fruto de sua casca ou a árvore de sua crosta, em resumo, tal como se abandona uma roupa velha que não serve mais: é a isso que chamamos de morte.

A morte, portanto, não passa da destruição do corpo físico, que é grosseiro envoltório do Espírito; só o corpo morre, o Espírito não. Durante a vida encarnada o Espírito está de certa forma limitado pela restrição da matéria a que está unido e que, muitas vezes, paralisa suas faculdades; a morte do corpo liberta o Espírito de seus laços, e ele recupera sua liberdade como a borboleta faz ao sair de sua crisálida. Mas ele só abandona o corpo material, conservando o perispirito, que constitui para ele uma espécie de

corpo etéreo e vaporoso, imponderável para nós, possuindo forma humana, que parece ser a forma-tipo. Em seu estado normal, o perispirito é invisível, mas o Espírito pode fazer com que ele sofra certas modificações que o tornem momentaneamente acessível à vista e até ao contato, tal como acontece com o vapor condensado; é assim que eles podem às vezes mostrar-se a nós em aparições. É com a ajuda do perispirito que o Espírito age sobre a matéria inerte e produz os diversos fenômenos de ruído, de movimento, de escrita, etc.

As pancadas e os movimentos são, para os Espíritos, meios de atestar sua presença e chamar para si a atenção, exatamente como quando uma pessoa bate para anunciar sua chegada. Há os que não se limitam a ruídos moderados, chegando ao extremo de fazer um barulho semelhante ao de louças sendo quebradas, de portas que se abrem e se fecham, ou de móveis derrubados.

Através de pancadas e de movimentos combinados, eles puderam exprimir seus pensamentos, mas a escrita lhes ofereceu o meio mais completo, mais rápido e mais cômodo, e é o preferido por eles. (Observação de Kardec: o mesmo ocorre com a fala). Pela mesma razão que lhes permite formar caracteres, podem guiar a mão para traçar desenhos, escrever músicas, executar uma peça em um instrumento; em resumo, na falta do próprio corpo, que não têm mais, usam o do médium para manifestar-se aos homens de uma maneira sensível.

Os Espíritos podem ainda manifestar-se de várias maneiras, entre outras pela visão e pela audição. Certas pessoas, chamadas médiuns auditivos, têm a faculdade de ouvi-los e podem, assim, conversar com eles; outras os vêem - são os médiuns videntes. Os Espíritos que se manifestam à visão apresentam-se geralmente sob forma semelhante à que tinham quando encarnados, porém vaporosa; outras vezes, essa forma tem toda a aparência de um ser vivo, a ponto de iludir completamente, tanto que algumas vezes foram tomados por criaturas de carne e osso, com as quais se podia conversar e trocar apertos de mãos, sem se suspeitar que se tratavam de Espíritos, a não ser em razão de seu desaparecimento súbito. A visão permanente e geral dos Espíritos é muito rara, mas as aparições individuais são bastante freqüentes, sobretudo no momento da morte; o Espírito liberto parece ter pressa de rever seus parentes e amigos, como para avisá-los que acaba de deixar a terra e dizer-lhes que continua vivendo.

Se cada um juntar suas lembranças, veremos quantos fatos autênticos desse tipo, de que não nos apercebíamos, aconteceram não só à noite durante o sono, mas em pleno dia e no estado da mais completa vigília. Outra encarávamos esses fatos como sobrenaturais e maravilhosos, e os atribuíamos à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os atribuem à imaginação; mas desde que a ciência espírita nos deu a explicação, sabemos como eles são produzidos e que têm origem nos fenômenos naturais.

A experiência demonstrou que é um erro acreditarmos que os Espíritos, só pelo fato de serem Espíritos, devem ser donos da soberana ciência e da suprema sabedoria. Entre as comunicações feitas pelos Espíritos, algumas são sublimes pela profundidade, eloqüência, sabedoria e moral, e só transmitem bondade e benevolência; mas, ao lado dessas, há aquelas muito vulgares, fúteis, triviais, grosseiras até, através das quais o Espírito revela os instintos mais perversos. Fica então evidente que elas não podem emanar da mesma fonte e que, se há bons Espíritos, há também maus Espíritos.

Os Espíritos, que são apenas as almas dos homens, não podem, naturalmente, se tornarem perfeitos apenas porque abandonaram seu corpo material; conservam as imperfeições da vida corpórea até que tenham progredido, e é por isso que os vemos em todos os graus de bondade e de maldade, de saber e de ignorância. Os Espíritos geralmente se comunicam com prazer, constituindo para eles uma satisfação constatar que não foram esquecidos; descrevem com boa vontade suas impressões ao deixar a Terra, sua nova situação, a natureza de suas alegrias e sofrimentos no mundo em que se encontram. Uns são muito felizes, outros infelizes, alguns até sofrem horróveis tormentos, frutos da maneira como viveram e do emprego bom ou mau, útil ou inútil, que fizeram da vida. Observando-os em todas as fases de sua nova existência, de acordo com a posição que ocuparam na terra, seu tipo de morte, seu caráter e seus hábitos como homens, chegamos a um conhecimento senão completo, pelo menos bastante preciso do mundo invisível, para termos a explicação do nosso estado futuro e pressentir o destino feliz ou infeliz que lá nos espera.

As instruções dadas pelos Espíritos de categoria elevada sobre todos os assuntos que interessam à humanidade, as respostas que eles deram às questões que lhes foram propostas, foram recolhidas e coordenadas com cuidado, constituindo toda uma ciência, toda uma doutrina moral e filosófica, sob o nome de Espiritismo.

O Espiritismo é, pois, a doutrina baseada na existência, nas manifestações e no ensinamento dos Espíritos. Esta doutrina acha-se exposta de modo completo no "O Livro dos Espíritos", quanto à sua parte filosófica, no "O Livro dos Médiuns", quanto à parte prática e experimental, e no "O Evangelho segundo o Espiritismo", quanto à parte moral. Podemos avaliar, pela análise que faremos dessas obras logo a seguir, a variedade, a extensão e a importância dos assuntos que a doutrina envolve.

Como vimos, o Espiritismo teve seu ponto de partida no fenômeno vulgar das mesas girantes; mas como esses fatos falam mais aos olhos do que à inteligência, despertando mais curiosidade do que sentimento, quando a curiosidade é satisfeita, fica-se menos interessado, na medida em que não os compreendemos. A situação mudou quando a teoria veio explicar a causa; sobretudo quando se viu que dessas mesas girantes com as quais as pessoas se divertiram durante algum tempo, emergia toda uma doutrina moral que fala à alma, dissipando as angústias da dúvida, satisfazendo todas as aspirações deixadas na incerteza por um ensinamento incompleto sobre o futuro da humanidade; as pessoas sérias acolheram a nova doutrina como um benefício e, a partir de então, longe de declinar, ela cresceu com incrível rapidez. Conseguiu, no espaço de alguns anos, adesões em todos os países do mundo, sobretudo entre as pessoas esclarecidas, partidários que aumentam todos os dias em uma proporção extraordinária, de tal forma que hoje podemos afirmar que o Espiritismo conquistou direito de cidadania.

Ele está assentado em bases que desafiam os esforços de seus adversários interessados em combatê-lo, em maior ou menor intensidade, e a prova é que os ataques e críticas não retardaram sua marcha um só instante - este é um fato obtido da experiência, cujo motivo os oponentes nunca puderam explicar; os espíritos dizem simplesmente que, se ele se propaga apesar da crítica, é porque o julgam bom e porque seu modo de raciocinar é preferível ao de seus contestadores.

O Espiritismo, entretanto, não é uma descoberta moderna; os fatos e princípios sobre os quais ele se baseia perdem-se na noite dos tempos, pois encontramos seus vestígios nas crenças de todos os povos, em todas as religiões e na maior parte dos escritores sagrados e profanos; só que os fatos, mal observados, foram muitas vezes interpretados segundo as idéias supersticiosas da ignorância, e todas as suas conseqüências não foram completamente deduzidas.

Com efeito, o Espiritismo está baseado sobre a existência dos Espíritos, e sendo os Espíritos as almas dos homens, temos então que, desde quando existem homens, existem Espíritos. O Espiritismo, portanto, não os descobriu nem os inventou. Se as almas ou Espíritos podem manifestar-se aos encarnados, isso é natural e, portanto, eles devem tê-lo feito todo o tempo; encontramos, assim, em qualquer época e em qualquer lugar a prova dessas manifestações abundantes, sobretudo nos relatos bíblicos.

O que é moderno é a explicação lógica dos fatos, o conhecimento mais completo da natureza dos Espíritos, de seu papel e de seu modo de ação, a revelação de nosso estado futuro, enfim, sua constituição em corpo de ciência e de doutrina e suas diversas aplicações. Os Antigos conheciam o princípio, os Modernos conhecem os detalhes. Na Antigüidade, o conhecimento desses fenômenos constituía privilégio de certas castas, que só os revelavam aos iniciados em seus mistérios; na Idade Média, os que se ocupavam ostensivamente com isso eram tidos como feiticeiros e, por isso, queimados; mas hoje não há mistérios para ninguém, não se queima mais ninguém; tudo se passa claramente e todo mundo pode se esclarecer e praticá-lo, pois há médiuns por toda parte.

A própria doutrina que os espíritos ensinam hoje não tem nada de novo; é encontrada em fragmentos na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e inteira no ensinamento do Cristo. Então o que vem fazer o Espiritismo? Vem confirmar novos testemunhos, esclarecer, através de fatos, verdades desconhecidas ou mal compreendidas, e restabelecer em seu verdadeiro sentido as que foram mal interpretadas.

O Espiritismo não ensina nada de novo, é verdade; mas não será suficiente ele provar de modo patente e irrecusável, a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade, as penas e recompensas futuras? Quanta gente acredita nessas coisas tendo, porém um vago pensamento dissimulado de incerteza, e diz em seu foro íntimo: "E se não fosse assim?" Quantos foram levados à incredulidade porque lhes apresentaram o futuro sob um aspecto que sua razão não podia admitir?

Então, de nada valerá ao crente indeciso dizer: "Agora tenho certeza!" e o cego afirmar "Agora vejo a luz"? Pela lógica dos fatos, o Espiritismo vem dissipar a ansiedade da dúvida e trazer de volta à fé àquele que se afastou dela; revelando-nos a existência do mundo invisível que nos rodeia, e no meio do qual

vivemos sem percebermos, ele nos dá a conhecer, pelo exemplo dos que viveram, as condições de nossa felicidade ou infelicidade futura; ele nos explica a causa de nossos sofrimentos aqui na terra e o meio de amenizá-los.

A propagação do Espiritismo trará, como efeito inevitável, a destruição das doutrinas materialistas, que não podem resistir às evidências. O homem, convencido da grandeza e da importância de sua existência futura, que é eterna, compara-a com a incerteza da vida terrestre, que é tão curta, e eleva-se, pelo pensamento, acima das mesquinhas considerações humanas; conhecendo a causa e o propósito de suas misérias, ele as suporta com paciência e resignação, porque sabe que elas são um meio de chegar a um estado melhor. O exemplo daqueles que vêm do além-túmulo descrever suas alegrias e dores, provando a realidade da vida futura, prova ao mesmo tempo que a justiça de Deus não deixa nenhum vício sem punição e nenhuma virtude sem recompensa. Acrescentemos, finalmente, que as comunicações com os seres queridos que perdemos trazem uma doce consolação, provando não só que eles existem, mas que estamos menos separados deles do que se estivessem vivendo num país estrangeiro.

Em resumo, o Espiritismo suaviza a amargura das tristezas da vida, acalma os desesperos e as agitações da alma, dissipa as incertezas ou os temores do futuro, elimina o pensamento de abreviar a vida pelo suicídio; O Espiritismo torna felizes os que aderem a ele, e aí está o grande segredo de sua rápida propagação.

Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e as recompensas futuras, mas é independente de qualquer culto particular. Seu propósito é provar, aos que negam ou duvidam que a alma existe, que ela sobrevive ao corpo, que ela sofre depois da morte as conseqüências do bem e do mal que fez durante a vida corpórea. Este é um pensamento de todas as religiões.

Como crença nos espíritos, também não se afasta de qualquer religião, ou de qualquer povo, porque onde há homens há almas ou espíritos; suas manifestações ocorreram em todos os tempos, e os relatos delas são encontrados em todas as religiões, sem exceção. Pode-se, portanto, ser católico, grego ou romano, protestante, judeu ou muçulmano, e acreditar nas manifestações dos espíritos, e conseqüentemente ser espírita; a prova é que o Espiritismo tem simpatizantes em todas as seitas.

Como moral, ele é essencialmente cristão, porque o que ensina é o desenvolvimento e a aplicação da doutrina do Cristo, a mais pura de todas, cuja superioridade não é contestada por ninguém, constituindo prova evidente de que é a lei de Deus; ora, a moral está a serviço de todo mundo.

O Espiritismo, sendo independente de qualquer forma de culto, não recomenda nenhum deles e não se ocupando de dogmas particulares, não é uma religião especial, pois não tem nem sacerdotes nem templos. Aos que indagam se fazem bem em seguir esta ou aquela prática, ele responde: "Se sua consciência pede para fazê-lo, faça-o; Deus sempre leva em conta a intenção".

Em resumo, o espiritismo não se impõe a ninguém, não se destina apenas àqueles que têm fé ou àqueles que pensam que essa fé seja suficiente, mas à numerosa categoria dos inseguros e dos incrédulos; ele não os tira da Igreja, visto que eles já se separaram dela moralmente em tudo, ou em parte; ele os faz percorrer os três quartos do caminho para entrar nele, cabendo a eles fazer o resto.

O Espiritismo combate, é verdade, certas crenças como a eternidade das penas, o fogo material do inferno, a personalidade do diabo, etc.; mas não é certo que essas crenças, impostas como absolutas, sempre geraram incrédulos e continuam a gerá-los? Se o Espiritismo, ao dar uma interpretação racional a esses e a alguns outros dogmas, devolve a fé àqueles que dela se separaram, não está prestando um serviço à religião? Um venerável membro da igreja dizia a esse respeito: "O Espiritismo faz com que acreditemos em alguma coisa; ora, é melhor acreditar em alguma coisa do que ser descrente de tudo" Como os Espíritos são apenas as almas, não podemos negar os Espíritos sem negar a alma. Se admitirmos as almas ou Espíritos, a questão fica reduzida a esta mais simples expressão: As almas dos que morreram podem comunicar-se com os vivos? O Espiritismo responde afirmativamente e prova pelos fatos materiais; que prova se pode dar que isso não é possível? Se assim é, todas as negações do mundo não impedirão que assim seja, pois não se trata nem de um sistema, nem de uma teoria, mas de uma lei da natureza.

Ora, a vontade do homem é impotente contra as leis da natureza, e é preciso, querendo ou não, aceitar suas conseqüências, e adequar suas crenças e seus hábitos.

## RESUMO DO ENSINAMENTO DOS ESPÍRITOS

1. Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. Deus é eterno, único, imaterial, imutável, Todo-Poderoso, soberanamente justo e bom. É infinito em todas as suas perfeições, pois se tivesse uma única imperfeição, não seria mais Deus.

2. Deus criou a matéria que constitui os mundos; criou também os seres inteligentes que chamamos de Espíritos, encarregados de administrar os mundos materiais de acordo com as leis imutáveis da criação, e que podem ser aperfeiçoadas em virtude de sua natureza. Aperfeiçoando-se, eles se aproximam da Divindade.

3. O espírito propriamente dito é o princípio inteligente; sua natureza íntima nos é desconhecida: para nós ele é imaterial, porque não tem nenhuma semelhança com o que chamamos de matéria.

4. Os Espíritos são seres individuais: tem um envoltório etéreo, imponderável, chamado perispirito, espécie de corpo fluídico, semelhante à forma humana. Povoam os espaços, que percorrem com a rapidez do raio, e constituem o mundo invisível.

5. A origem e o modo de criação dos Espíritos nos são desconhecidos; só sabemos que são criados simples e ignorantes, ou seja, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo, pois Deus, em sua justiça, não podia retirar de uns o trabalho que seria imposto aos outros para chegar à perfeição. No princípio, permanecem em uma espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência.

6. Deus diz aos Espíritos, quando eles têm o livre arbítrio tão desenvolvido quanto as idéias: "Vocês podem aspirar à felicidade suprema, assim que tiverem adquirido os conhecimentos que lhes faltam e cumprido a tarefa que lhes imponho. Trabalhem, então, para seu

engrandecimento: este é o objetivo, que atingirão seguindo as leis que gravei em sua consciência". Em consequência de seu livre arbítrio, uns tomam o caminho mais curto, que é o do bem, outros o mais longo, que é o do mal.

7. Deus não criou o mal; estabeleceu leis, e essas leis são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom; aquele que as cumprisse fielmente seria perfeitamente feliz, mas os Espíritos, tendo seu livre arbítrio, nem sempre as observaram, e o mal sobreveio em razão de sua desobediência. Pode-se então dizer que o bem é tudo o que está de acordo com a lei de Deus e o mal tudo o que é contrário a essa mesma lei.

8. Para cooperar, como agentes do poder divino, com a obra dos mundos materiais, os Espíritos revestem-se temporariamente de um corpo material. Pelo trabalho que sua existência corpórea necessita, eles aperfeiçoam sua inteligência e adquirem, observando a lei de Deus, os méritos que devem conduzi-los à felicidade eterna.

9. A encarnação não foi imposta ao Espírito, no princípio, como uma punição; ela é necessária ao seu desenvolvimento e para a realização das obras de Deus, e todos devem resignar-se a ela, tomem o caminho do bem ou do mal; os que seguem o caminho do bem, avançam mais rapidamente e demoram menos para atingir os objetivos, que são atingidos em condições menos penosas.

10. Os Espíritos encarnados constituem a humanidade, que não está circunscrita à Terra, mas que povoa todos os mundos espalhados pelo espaço.

11. A alma do homem é um Espírito encarnado. Para auxiliá-lo no cumprimento de sua tarefa, Deus lhe deu os animais como auxiliares, os quais lhe são submissos e cuja inteligência e caráter são proporcionais às suas necessidades.

**12.** O aperfeiçoamento do Espírito é o fruto de seu próprio trabalho; não podendo, em uma única existência corpórea, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-lo ao objetivo, ele aí chega através de uma sucessão de existências, dando em cada uma delas alguns passos adiante no caminho do progresso.

**13.** O Espírito deve, em cada existência corpórea, cumprir uma missão proporcional ao seu desenvolvimento, e quanto mais rude e trabalhosa for, maior será seu mérito ao cumpri-la. Cada existência é, assim, uma prova que o aproxima do alvo. O número de suas existências é indeterminado. Depende da vontade do Espírito de abreviá-las, trabalhando ativamente em seu aperfeiçoamento moral; assim como depende da vontade do operário abreviar o número de dias gastos na execução de seu trabalho.

**14.** Quando uma existência foi mal empregada, O Espírito que não a aproveitou deve recomeçá-la em condições mais ou menos penosas, em razão de sua negligência e de sua má vontade; assim é que, na vida, podemos ser obrigados a fazer no dia seguinte o que não fizemos no anterior, ou a refazer o que fizemos mal.

**15.** A vida espiritual é a vida normal do Espírito: ela é eterna; a vida corpórea é transitória e passageira, e é apenas um instante na eternidade.

**16.** No intervalo de suas existências corpóreas, o Espírito é errante, e sua erraticidade não tem prazo determinado; nesse estado, o espírito é feliz ou infeliz de acordo com o bom ou mau emprego de sua última existência; ele estuda as causas que apressaram ou retardaram seu desenvolvimento, toma resoluções que tentará colocar em prática na próxima encarnação e escolhe, ele mesmo, as provas que considera mais adequadas ao seu progresso; mas algumas vezes ele se engana ou sucumbe, não mantendo como homem as resoluções que tomou como Espírito.

**17.** O Espírito culpado é punido pelos sofrimentos morais, no mundo dos Espíritos, e pelas penas físicas na vida corpórea. Suas aflições são conseqüência de seus erros, isto é, de sua infração à lei de Deus, constituindo simultaneamente uma expiação do passado e uma prova para o futuro: é assim que o orgulhoso pode ter uma existência de humilhação, o tirano uma vida de servidão, ou o mau rico uma encarnação de miséria.

**18.** Há mundos apropriados aos diferentes graus de avanço dos Espíritos, onde a existência corpórea se encontra em condições muito diferentes. Quanto menos o Espírito é adiantado, mais os corpos de que se reveste são pesados e materiais; à medida que se purifica, passa para mundos superiores tanto no aspecto moral quanto no físico. A Terra não é o primeiro nem o último, mas um dos mundos mais atrasados.

**19.** Os Espíritos culpados são encarnados em mundos menos adiantados, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida material. Esses mundos são verdadeiros purgatórios para eles, cuja libertação depende apenas do progresso moral de cada um deles. A Terra é um desses mundos.

**20.** Sendo Deus soberanamente justo e bom, não condena suas criaturas a castigos perpétuos pelas faltas temporárias; oferece-lhes sempre, ao contrário, meios de progredir e reparar o mal que praticaram. Deus perdoa, mas exige o arrependimento, a reparação e o retorno ao bem, de modo que a duração do castigo é proporcional à persistência do Espírito no mal; conseqüentemente, o castigo seria eterno para aquele que permanecesse eternamente no mau caminho, mas, assim que um sinal de arrependimento entra no coração do culpado, Deus estende sua misericórdia sobre ele. A eternidade das penas deve assim ser entendida no sentido relativo, e não no sentido absoluto.

**21.** Os Espíritos trazem consigo, ao encarnarem, os ensinamentos que adquiriram em suas

existências precedentes, e é por esta razão que alguns homens mostram, instintivamente, aptidões especiais, inclinações boas ou más que parecem que lhe são inatas.

As más inclinações naturais são os vestígios das imperfeições do Espírito, dos quais ele não se despojou inteiramente; são também os indícios das faltas que ele cometeu, e o verdadeiro pecado original. A cada existência ele deve livrar-se de algumas impurezas.

**22.** O esquecimento das existências anteriores é uma graça de Deus que, em sua bondade, quis poupar o homem de lembranças freqüentemente penosas. Em cada nova existência, o homem é o que ele faz de si mesmo; cada nova existência é um novo ponto de partida: ele conhece seus defeitos atuais, sabe que esses defeitos são a conseqüência dos que tinha, analisa e tira conclusões do mal que pode ter cometido, e isso basta para trabalhar, corrigindo-se. Se outrora tinha defeitos que não tem mais, não há porque preocupar-se com eles: bastam as imperfeições presentes.

**23.** Se a alma não tivesse nenhuma existência precedente, é porque teria sido criada ao mesmo tempo que o corpo; nessa suposição, ela não teria nenhuma relação com as encarnações que a precederam. Pergunta-se, então, como Deus, que é soberanamente justo e bom, pode tê-la feito responsável pelo erro do pai do gênero humano, maculando-a com um pecado original que ela não cometeu? Dizendo, ao contrário, que ela traz ao renascer o germe das imperfeições de suas existências anteriores e que ela sofre na existência atual as conseqüências de suas faltas passadas, dá-se uma explicação lógica ao pecado original que todos podem compreender e admitir, porque a alma só é responsável por suas próprias obras.

**24.** A diversidade das aptidões inatas, morais e intelectuais, é a prova de que a alma já viveu anteriormente, pois se tivesse sido criada ao mesmo tempo que o corpo atual, não estaria

de acordo com a bondade de Deus ter feito umas mais avançadas que as outras. Por que existiriam selvagens e homens civilizados, bons e maus, tolos e brilhantes? Tudo se explica ao afirmarmos que uns viveram mais que os outros e estão mais evoluídos.

**25.** Se a existência atual fosse única e devesse decidir sozinha sobre o futuro da alma para a eternidade, qual seria o destino das crianças que morrem em tenra idade? Não tendo feito nem bem nem mal, elas não mereceriam nem recompensas nem punições. Segundo a palavra do Cristo, que afirmou que cada um seria recompensado segundo suas obras, elas não teriam direito à felicidade perfeita dos anjos, nem mereceriam ser privadas dela. Se afirmarmos que poderão realizar em uma outra existência o que não puderam fazer naquela que foi abreviada, não há mais exceções.

**26.** Pelo mesmo motivo, qual seria a sorte dos cretinos e dos idiotas? Não tendo nenhuma consciência do bem e do mal, não teriam nenhuma responsabilidade por seus atos. Deus seria justo e bom criando almas estúpidas para destiná-las a uma existência miserável e sem compensações? Admita-se, pelo contrário, que a alma do idiota e do cretino é um Espírito em punição dentro de um corpo impróprio para exprimir seu pensamento, onde ele se comporta como um homem fortemente aprisionado por laços, e teremos a prática da justiça de Deus.

**27.** Em suas encarnações sucessivas, o Espírito sendo pouco a pouco despojado de suas impurezas e aperfeiçoado pelo trabalho, chega ao fim de suas existências corpóreas; pertence então à ordem dos Espíritos puros ou dos anjos, e goza simultaneamente da vida completa de Deus e de uma felicidade imperturbável e eterna.

**28.** Como os homens estão em expiação na terra, Deus, como bom pai, não os deixou entregues a si mesmos, sem guias. Eles têm seus Espíritos protetores ou anjos guardiões,

que velam por eles e se esforçam para conduzi-los ao bom caminho; têm ainda os Espíritos em missão na terra, Espíritos superiores que se encarnam de vez em quando para lhes iluminar o caminho através de seus trabalhos e fazer a humanidade avançar. Se bem que Deus tenha gravado sua lei na consciência, Ele achou que devia formulá-la de maneira explícita; mandou primeiro Moisés, mas as leis de Moisés estavam ajustadas aos homens de seu tempo; ele só lhes falou da vida terrestre, de penas e de recompensas temporais. O Cristo veio depois completar a lei de Moisés através de um ensinamento mais elevado: a pluralidade das existências e a vida espiritual; as penas e as recompensas morais que Moisés conduziu pelo medo, o Cristo as conduziu pelo amor e pela caridade.

**29.** O Espiritismo, mais bem entendido hoje, acrescenta para os incrédulos a evidência à teoria, prova o futuro com fatos patentes, diz em termos claros e sem equívocos o que o Cristo disse em parábolas; explica as verdades desconhecidas ou falsamente interpretadas, revela a existência do mundo invisível ou dos Espíritos, e inicia o homem nos mistérios da vida futura; vem combater o materialismo, que é uma revolta contra o poder de Deus, vem enfim estabelecer entre os homens o reino da caridade e da solidariedade anunciado pelo Cristo. Moisés lavrou, o Cristo semeou, o Espiritismo vem colher.

**30.** O Espiritismo não é uma luz nova, mas uma luz mais brilhante, porque surgiu de todos os pontos do globo através daqueles que viveram. Tornando evidente o que era obscuro, colocou fim às interpretações errôneas, e deve unir os homens em torno de uma mesma crença, porque há apenas um Deus, e suas leis são as mesmas para todos; ele marca enfim a era dos tempos preditos pelo Cristo e pelos profetas.

**31.** Os males que afligem os homens na terra têm como causa o orgulho, o egoísmo

e todas as más paixões. Em virtude de seus vícios, os homens tornam-se reciprocamente infelizes e punem-se uns aos outros. Quando a caridade e a humildade substituírem o egoísmo e o orgulho, então eles não quererão mais prejudicar-se, respeitarão os direitos de cada um e farão reinar a concórdia e a justiça entre eles.

**32.** Mas como destruir o egoísmo e o orgulho, que parecem inatos no coração do homem? O egoísmo e o orgulho estão no coração do homem, porque os homens são espíritos que seguiram o caminho do mal desde o princípio, e foram exilados na terra como punição desses mesmos vícios; é o seu pecado original, de que muitos não se despojaram. Através do Espiritismo, Deus vem fazer um último apelo para a prática da lei ensinada pelo Cristo: a lei de amor e de caridade.

**33.** Tendo a terra chegado ao tempo marcado para tornar-se a morada de felicidade e de paz, Deus não quer que os maus Espíritos encarnados continuem a trazer para ela a perturbação, em prejuízo dos bons; é por isso que eles deverão deixá-la, e irão expiar sua insensibilidade em mundos menos evoluídos, onde trabalharão de novo para seu aperfeiçoamento em uma série de existências mais infelizes e mais penosas ainda que na terra.

Eles formarão nesses mundos uma nova raça mais esclarecida, cuja tarefa será, em função dos conhecimentos que já adquiriram, levar o progresso aos seres atrasados que neles habitam. Só sairão para um mundo melhor quando tiverem merecido, e assim por diante, até que tenham atingido a purificação completa; se a terra era para eles um purgatório, esses mundos serão seu inferno, mas um inferno de onde a esperança nunca está banida.

**34.** À medida que a geração proscrita desapareça rapidamente, surgirá uma nova geração cujas crenças serão fundadas no Espiritismo cristão. Nós assistimos à transição que se realiza, que é o prelúdio da renovação moral cuja chegada é assinalada pelo Espiritismo.

## MÁXIMAS EXTRAÍDAS DO ENSINAMENTO DOS ESPÍRITOS

**35.** O objetivo essencial do Espiritismo é o melhoramento dos homens. Devemos procurar nele o que pode nos ajudar em nosso progresso moral e intelectual.

**36.** O verdadeiro Espírita não é aquele que simplesmente crê nas manifestações, mas aquele que faz bom proveito do ensinamento dado pelos Espíritos. De nada adianta acreditar, se a crença não faz com que o homem dê um passo adiante no caminho do progresso e que não o torne melhor para com o próximo.

**37.** O egoísmo, o orgulho, a vaidade, a ambição, a cupidez, o ódio, a inveja, o ciúme, a maledicência, são ervas venenosas para a alma, das quais é preciso a cada dia arrancar algumas hastes. A caridade e a humildade são os antídotos para elas.

**38.** A crença no Espiritismo só é proveitosa para aquele que pode dizer que hoje está melhor do que ontem.

**39.** A importância que o homem atribui aos bens materiais está na razão inversa de sua fé na vida espiritual; é a dúvida sobre o futuro que o leva a procurar suas alegrias neste mundo, satisfazendo suas paixões, ainda que à custa do próximo.

**40.** As aflições na terra são os remédios da alma; elas salvam para o futuro, como uma operação cirúrgica dolorosa salva a vida de um doente e lhe devolve a saúde. É por isso que o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados."

**41.** Nas suas aflições, olhe para baixo de você e não para cima; pense naqueles que sofrem ainda mais que você.

**42.** O desespero é natural para aquele que crê que tudo acaba com a vida do

corpo; para aquele que tem fé no futuro, o desespero não existe.

**43.** O homem é muitas vezes o causador de sua própria infelicidade neste mundo; se ele pesquisar a origem de seus infortúnios, verá que a maior parte deles é o resultado de sua imprevidência, de seu orgulho e avidez, conseqüentemente, de sua infração às leis de Deus.

**44.** A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar Nele, é aproximar-se Dele, é colocar-se em comunicação com Ele.

**45.** Aquele que ora com fervor e confiança é mais forte contra as tentações do mal, e Deus envia bons Espíritos para assisti-lo. É uma ajuda que nunca é recusada, quando é pedida com sinceridade.

**46.** O essencial não é orar muito, mas orar bem. Certas pessoas crêem que todo o mérito está na extensão da prece, enquanto fecham os olhos para seus próprios defeitos. A prece é para eles uma ocupação, um emprego do tempo, mas não uma análise de si mesmos.

**47.** Aquele que pede a Deus o perdão de seus erros somente o obtém mudando sua conduta. As boas ações são a melhor das preces, pois os atos valem mais do que as palavras.

**48.** A prece é recomendada por todos os bons Espíritos; é, além disso, pedida por todos os Espíritos imperfeitos como um meio de tornar mais leves seus sofrimentos.

**49.** A prece não pode mudar os desígnios da Providência; mas, vendo que há interesse por eles, os Espíritos sofredores se sentem menos desamparados, tornando-se menos infelizes; ela exalta sua coragem,

estimula neles o desejo de elevar-se pelo arrependimento e reparação, e pode desviá-los do pensamento do mal. É nesse sentido que ela pode não só aliviar, mas abreviar seus sofrimentos.

**50.** Cada um deve fazer sua oração segundo suas convicções e do modo que acredita ser mais conveniente, pois a forma não é nada, o pensamento é tudo; a sinceridade e a pureza de intenção é o essencial, e um bom pensamento vale mais que numerosas palavras, que se assemelham ao barulho de um moinho onde não existe amor no coração.

**51.** Deus fez homens fortes e poderosos para que fossem o amparo dos fracos; o forte que oprime o fraco é advertido por Deus, e em geral recebe o castigo nesta vida, sem prejuízo do futuro.

**52.** A fortuna é um depósito cujo possuidor é apenas o usufrutuário, já que não a leva com ele para o túmulo; ele prestará rigorosas contas do emprego que fez dela.

**53.** A fortuna é uma prova mais difícil do que a miséria, porque é uma tentação para o abuso e para os excessos, e porque é mais difícil ser moderado do que ser resignado.

**54.** Devemos lamentar em vez de invejar o ambicioso que triunfa e o rico que se sustenta de prazeres materiais, pois é preciso ter em conta o retorno. O Espiritismo, baseado nos terríveis exemplos dos que viveram e que vêm revelar sua sorte, mostra a verdade desta afirmação do Cristo: "Aquele que se orgulha será humilhado e aquele que se humilha será elevado."

**55.** A caridade é a lei suprema do Cristo: "Amem-se uns aos outros como irmãos, ame seu próximo como a si mesmo, perdoe seus inimigos, não faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem"; tudo isso se resume na palavra caridade.

**56.** A caridade não está só na esmola, pois há a caridade em pensamentos, em palavras e em ações. Aquele que é caridoso em pensamentos, é indulgente para com as faltas do próximo; caridoso em palavras, não diz nada que possa prejudicar seu próximo, caridoso em ações socorre seu próximo na medida de suas forças.

**57.** O pobre que divide seu pedaço de pão com um mais pobre que ele é mais caridoso e tem mais mérito aos olhos de Deus do que aquele que dá o que lhe é supérfluo, sem se privar de nada.

**58.** Aquele que nutre sentimentos de animosidade, ódio, ciúme e rancor contra seu próximo, falta à caridade; ele mente ao se dizer cristão, e ofende a Deus.

**59.** Homens de todas as classes, de todas as seitas e de todas as cores, vocês são todos irmãos, pois Deus os chama a todos para Ele; dêem-se, pois, as mãos, qualquer que seja sua maneira de adorá-Lo, e não amaldiçoem seus irmãos, pois a maldição é a violação da lei de caridade proclamada pelo Cristo.

**60.** Os homens estão em luta perpétua contra o egoísmo; com a caridade, estarão em paz. A caridade, constituindo a base de suas instituições, pode por si só garantir a felicidade deles neste mundo; segundo as palavras do Cristo, só ela pode também garantir sua felicidade futura, pois encerra implicitamente todas as virtudes que podem levá-los à perfeição. Com a prática da verdadeira caridade, aquela ensinada e praticada pelo Cristo, não haverá mais espaço para o egoísmo, o orgulho, o ódio, a inveja, a maledicência, nem o apego desordenado aos bens deste mundo. É por isso que o Espiritismo cristão tem como máxima: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Incrédulos! Podem rir dos Espíritos, zombar daqueles que crêem em suas manifes-

tações; riam, se desejarem, desta máxima que eles acabaram de professar e que é sua própria salvaguarda, pois se a caridade desaparecesse da terra, os homens se devorariam entre si e talvez vocês fossem as primeiras vítimas.

Um Espírito disse: "Zombaram das mesas girantes; não zombarão nunca da filosofia e da moral que daí decorreram". É que hoje estamos longe, depois de decorridos alguns anos apenas, desses primeiros fenômenos que serviram de distração para os ociosos e os curiosos. Vocês afirmam que esta moral está caduca: "Os Espíritos deviam ter conhecimentos suficientes bastante para nos dar algo de novo." (Frase espirituosa de mais de um crítico). Tanto melhor se ela está caduca, pois isso prova que ela é de todos os tempos, e os homens são mais culpados ainda por não tê-la praticado, pois as únicas verdades são aquelas que são eternas. O Espiritismo vem lembrá-la, não por uma revelação isolada feita a um único homem, mas pela voz dos próprios Espíritos que, como uma trombeta final, vêm proclamar: "Creiam que aqueles que vocês chamam de mortos estão mais

vivos que vocês, pois eles vêem o que vocês não vêem, e ouvem o que vocês não ouvem; reconheçam, naqueles que vêm lhes falar, seus parentes, seus amigos, e todos aqueles que vocês amaram na terra e que acreditavam estarem perdidos irremediavelmente; infelizes aqueles que crêem que tudo acaba com o corpo, pois serão cruelmente enganados; infelizes daqueles a quem faltar a caridade, pois sofrerão na mesma proporção que fizeram os outros sofrer! Escutem a voz daqueles que sofrem e que lhes vêm dizer: "Nós sofreremos por não termos reconhecido o poder de Deus e duvidado de sua misericórdia infinita; sofreremos por nosso orgulho, nosso egoísmo, nossa avareza e por todas as más paixões que não soubemos reprimir; sofreremos por todo o mal que fizemos ao nosso semelhante, pelo esquecimento da caridade".

Incrédulos! Digam se devemos rir de uma doutrina que ensina tais coisas, ou se ela é boa ou má! Analisando-a tão somente do ponto de vista da ordem social, digam se os homens que a praticam seriam felizes ou infelizes, melhores ou piores!

**A.M.A**

ASSISTÊNCIA MAIS AMOR

GRUPO INTERMUNICIPAL DE ESTUDO E PESQUISA DO ESPÍRITO

**RESUMO DAS LEIS  
DOS FENÔMENOS ESPÍRITAS**



Outubro/1865

## INTRODUÇÃO

As pessoas que não conhecem o Espiritismo quase sempre têm uma idéia falsa a respeito dele, pois não lhe compreendem nem seus objetivos nem os meios de sua atuação. Falta a estas pessoas o conhecimento do princípio fundamental, a explicação principal dos fenômenos.

Como lhes falta esta explicação, tudo o que lêem e ouvem não lhes traz nenhum proveito e nem lhes interessa, pois a experiência nos ensina que a leitura ou o relato dos fenômenos não basta para convencer; mesmo quem testemunha fatos capazes de confundir, fica mais admirado do que convencido, pois tanto mais extraordinário o efeito, mais suspeitas levanta.

Somente um estudo prévio, com muita seriedade, pode levá-las à convicção e reunir condições de mudar completamente o rumo de suas idéias. Este estudo é indispensável para a compreensão dos mais simples fenômenos, e na falta de um aprofundamento destes estudos, bastará um resumo bem sintetizado da lei que rege as manifestações, para que o Espiritismo seja encarado em sua completa resplandecência.

Os ensinamentos transmitidos a seguir, dirigidos principalmente aos iniciantes na doutrina podem servir de base, de forma muito interessante, no início dos cursos em que eles participarem.

**Allan Kardec**

# I – DOS ESPÍRITOS

**1.** O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer com os Espíritos; como filosofia, envolve todas as conseqüências morais decorrentes dessas relações.

**2.** Os Espíritos não são, como muitas pessoas pensam, seres à parte na Criação; são as almas dos que viveram na terra ou em outros mundos. As almas ou Espíritos são, pois, uma só e mesma coisa, donde se conclui que quem acredita na existência da alma, crê por conseqüência na existência dos Espíritos. Negar os Espíritos seria negar a alma.

**3.** Geralmente se faz uma idéia muito falsa do estado dos Espíritos. Eles não são, como alguns pensam, seres vagos e indefinidos, nem chamados como fogos-fátuos, nem fantasmagoras como nos contos quiméricos. São seres semelhantes a nós, que têm um corpo como o nosso, só que mais fluídico e invisível em seu estado normal.

**4.** Quando a alma está unida ao corpo durante a vida, tem um duplo envoltório; um, pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo físico; outro fluídico, leve e indestrutível, chamado perispírito. O perispírito é a ligação entre a alma e o corpo, e é por seu intermédio que a alma coordena a ação do corpo e percebe as sensações que este experimenta.

A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o homem. A alma e o perispírito, quando separados do corpo material, constituem este ser que chamamos de Espírito.

**5.** A morte é a destruição apenas do corpo material. A alma o abandona, então, como quem deixa de lado uma roupa usada, ou como a borboleta que deixa sua crisálida.

A alma conserva, entretanto, seu corpo fluídico ou perispírito. A morte do corpo libera o Espírito do envoltório que o prendia à terra e o fazia sofrer. Quando se livra desse fardo, resta-lhe apenas seu corpo etéreo, que lhe possibilita percorrer o espaço e transpor distâncias com a rapidez do pensamento.

**6.** Os Espíritos povoam o espaço, constituindo o mundo invisível que nos rodeia, no meio do qual vivemos e com o qual estamos em contato incessante.

**7.** Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na terra, porém em grau mais elevado, pois elas não são amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas, vêem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem ver ou ouvir. Para eles não há escuridão, a não ser para aqueles que foram punidos com a permanência temporária nas trevas. Nossos pensamentos repercutem nos Espíritos e eles os lêem como um livro aberto; assim o que poderíamos ocultar de algum encarnado não poderemos fazê-lo a partir do momento em que ele volta a ser apenas Espírito.

**8.** Os Espíritos conservam as afeições que tinham na terra. Sentem prazer ao se reencontrarem com aqueles a quem amaram, sobretudo os que lhes dedicam pensamentos e sentimentos afetuosos, ao passo que são indiferentes a quem só lhes oferece a indiferença.

**9.** É um erro grave, relativamente generalizado entre as pessoas que não conhecem o Espiritismo, pensar que os Espíritos, apenas porque estão desprendidos da matéria, devem saber tudo e possuir soberana sabedoria.

Como os Espíritos são as almas dos homens, não adquirem a perfeição ao deixarem o corpo material. O progresso do Espírito só

acontece com o tempo e é aos poucos que ele se despoja de suas imperfeições e adquire os conhecimentos que lhe faltam. Não seria lógico admitir que o Espírito de um selvagem ou de um criminoso se tornasse, de repente, culto e virtuoso; da mesma forma, seria contrário à justiça de Deus imaginarmos que estes Espíritos devam sempre permanecer inferiores. Tal como entre os homens, existem Espíritos de todos os graus de saber e de ignorância, de bondade e de malvadeza. Há os que

são levianos e brincalhões, os que são mentirosos, velhacos, hipócritas, maus e vingativos. Outros, entretanto, possuem as mais sublimes virtudes e uma sabedoria desconhecida na terra.

Essa diversidade da qualidade dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a ser considerado, pois explica a natureza boa ou má das comunicações que recebemos. Devemos nos empenhar em distingui-los. (*O Livro dos Espíritos*, no. 100, *Escala Espírita* – *O Livro dos Médiuns*, capítulo XXIV).

## II – MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS

**10.** Os Espíritos podem se manifestar de diversas maneiras: pela visão, pela audição, pelo tato, por ruídos, por movimentos dos corpos, pela escrita, por desenhos, pela música, etc. Manifestam-se através de pessoas dotadas de uma aptidão especial para cada tipo de manifestação, pessoas essas que são conhecidas pelo nome de médiuns. Temos então os médiuns videntes, falantes, audientes, sensitivos, de efeitos físicos, escreventes, desenhistas, tiptologistas (NT: que se comunicam através de pancadas), etc. Há uma grande diversidade de médiuns escreventes, que variam de acordo com a natureza das comunicações que estão capacitados a receber.

**11.** O fluido que compõe o perispírito penetra e atravessa todos os corpos, da mesma maneira como a luz atravessa os corpos transparentes; nenhuma matéria é obstáculo para ele. É por este motivo que os Espíritos penetram em todos os lugares, mesmo naqueles mais hermeticamente fechados. É uma idéia ridícula pensar que eles penetram por alguma abertura, por um pequeno orifício, pelo buraco da fechadura ou pelo tubo das chaminés.

**12.** Em seu estado normal, o perispírito é invisível para nós, e sempre é uma matéria etérea. Em determinados casos o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de transformação molecular, que o torna visível e mesmo tangível; temos, nesse caso, o que chamamos de aparição. Este fenômeno nada tem de extraordinário e pode ser comparado ao vapor que é invisível quando rarefeito, mas que se torna visível quando condensado. Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se quase sempre com a aparência que tinham quando encarnados, o que permite que sejam reconhecidos.

**13.** O Espírito age sobre o corpo encarnado através de seu perispírito; seu fluido é utilizado em suas manifestações ao agir sobre a matéria inerte produzindo ruídos, movimentos das mesas e de outros objetos que levanta, derruba ou transporta. Este fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, na terra, os mais potentes motores trabalham em ambientes fluidicos rarefeitos e algumas vezes imponderáveis como o ar, o vapor e a eletricidade. Os Espíritos usam o perispírito para fazer com que os médiuns escrevam, falem ou

desenhem. Como não têm um corpo tangível para que possam agir ostensivamente quando desejam se manifestar, utilizam-se dos órgãos do médium fazendo-os agir, através de uma emanção fluídica que espalha sobre ele, como se fosse seu próprio corpo.

**14.** O Espírito age da mesma forma no fenômeno designado por mesas girantes ou mesas falantes, seja para movê-las sem sentido determinado, ou para dar batidas inteligentes indicando as letras do alfabeto que formam palavras e frases, fenômeno conhecido pelo nome de *tiplogia*. Neste caso a mesa é apenas um instrumento de que o Espírito se serve, tal como usamos um lápis para escrever.

A mesa ganha, momentaneamente, uma vitalidade que decorre do fluido que o espírito injeta nela; O Espírito, entretanto, não se identifica com ela. Algumas pessoas, emocionadas ao verem se manifestar alguém que lhes é querido, cometem o ato ridículo de abraçar a mesa, pois é como se abraçassem um pedaço de madeira sem qualquer utilidade. O mesmo acontece com aquelas que dirigem palavras à mesa, como se o Espírito estivesse preso na madeira, ou pior, como se esta se tivesse tornado um Espírito.

Ao ocorrerem comunicações deste tipo, precisamos imaginar que o Espírito não está na mesa, mas ao lado dela, tal como se estivesse encarnado. O mesmo ocorre nas comunicações pela escrita, quando vemos o Espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou lhe transmitindo o pensamento através de uma corrente fluídica.

**15.** Quando a mesa se afasta do solo e flutua no espaço, sem ponto de apoio, o Espírito não a está levantando pela força do braço, mas através do envolvimento e da liberação de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza a ação da gravidade, tal como acontece com o ar em relação aos balões e aos papagaios de papel. O fluido que penetra na madeira

lhe dá, momentaneamente, uma maior leveza específica. Quando apoiada no solo, temos uma ação semelhante à de uma redoma pneumática, sob a qual se produz o vácuo. Essas comparações são feitas apenas para mostrar a semelhança dos efeitos, e não para justificar as causas, de forma absoluta.

Em função desta ação, podemos compreender porque é muito fácil para o Espírito levantar uma mesa ou uma pessoa, transportar objetos de um lugar para outro, ou atirá-lo para qualquer parte. Todos esses fenômenos são produzidos por esta mesma lei.

Quando a mesa se dirige para alguém, não é o espírito que se movimenta, ele está tranquilamente no mesmo lugar, mas impulsiona a mesa através de uma corrente fluídica, que a faz mover-se conforme sua vontade.

Quando as batidas são ouvidas na mesa ou em algum outro lugar, o Espírito não bate com a mão ou com outro objeto qualquer, apenas dirige um jato fluídico para o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico; o ruído é modificado da mesma forma como podemos modificar os sons produzidos pelo ar.

**16.** A escuridão necessária à produção de determinados efeitos físicos pode gerar, sem dúvida, suspeitas e fraudes, mas nada prova contra a ocorrência dos fatos. Sabemos que algumas combinações químicas não podem acontecer à luz, pois podem ocorrer composições e decomposições sob a ação do fluido luminoso.

Como todos os fenômenos espíritas resultam da combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium, e sendo estes fluidos de ordem material, pode acontecer que em certos casos o fluido luminoso não permita ocorrer esta combinação.

**17.** Em função de nosso grau de evolução, os Espíritos superiores só se ocupam das comunicações inteligentes. As manifestações

físicas ou puramente materiais são atribuídas aos Espíritos inferiores, comumente chamados de Espíritos batedores, da mesma forma como, entre nós, os números de mágica são feitos pelos artistas de circo e não pelos cientistas.

**18.** Os Espíritos são livres. Comunicam-se quando querem e para quem querem, e também quando podem, pois nem sempre isto lhes é possível. Não estão às ordens e à disposição de quem quer que seja, não sendo possível a nenhum médium fazê-los manter contato contra sua vontade, nem a falar ou a se calar. Ninguém pode, portanto, afirmar que determinado Espírito se manifestará quando evocado, ou que responderá a esta ou àquela pergunta. Afirmar o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do espiritismo. Somente o charlatanismo tem fontes infalíveis.

**19.** Existem pessoas que obtêm regularmente a produção de alguns fenômenos, de acordo com sua vontade.

Devemos, entretanto, destacar que são apenas efeitos físicos, mais curiosos do que instrutivos, e que podem ser repetidos constantemente, em condições semelhantes. As condições em que esses fenômenos são obtidos podem inspirar dúvidas legítimas sobre sua realidade, tanto maior quanto for sua exploração, sendo, por isso, difícil separar a mediunidade real da prestidigitação. Alguns destes fenômenos podem, no entanto, resultar de uma mediunidade verdadeira porque é possível que Espíritos de baixa categoria, que agiam desta maneira quando encarnados, se sintam felizes nestes tipos de exibições. Mas seria absurdo pensar que Espíritos elevados possam sentir prazer neste tipo de ostentação.

Isto não enfraquece o princípio de liberdade dos Espíritos, pois os que se comunicam o fazem porque sentem prazer e não porque sejam obrigados. A partir do momento em que estas comunicações não mais lhes interessam, não produzirão

mais contatos, mesmo que o indivíduo seja um médium verdadeiro. Os mais poderosos médiuns de efeitos físicos passam por períodos de interrupção de sua faculdade, independentemente de sua vontade; isto jamais acontece com os charlatões.

Assim, mesmo na suposição que estes fenômenos sejam reais, eles não passam da aplicação muito parcial da lei que rege as relações do mundo corporal com o mundo espiritual. Entretanto, eles não são o espiritismo, assim sua negação não invalida absolutamente os princípios gerais da doutrina.

**20.** Determinadas manifestações espíritas são mais facilmente imitadas de forma relativamente grosseira. Mas por terem sido exploradas, tanto quanto outros fenômenos, pela astúcia e pela prestidigitação, é absurdo concluir que elas não existam; para quem estudou e conhece as condições normais em que se podem produzi-las, é fácil distinguir a imitação da realidade. Aliás, a imitação nunca é completa e só ilude o ignorante, que é incapaz de perceber as variações características do verdadeiro fenômeno.

**21.** As manifestações mais fáceis de serem imitadas são determinados efeitos físicos e efeitos inteligentes comuns, como os movimentos, as batidas, a escrita direta, as respostas banais, etc.

O mesmo não ocorre com comunicações inteligentes de elevado alcance, ou de fatos completamente desconhecidos pelo médium; para imitar as primeiras basta habilidade, mas para simular as outras seria preciso um determinado grau de instrução, uma superioridade intelectual excepcional e uma faculdade de improvisação universal, ou o dom da adivinhação.

**22.** As aparições de "fantasmas" nos teatros foram conduzidas injustamente como tendo relação com a aparição de Espíritos, mas não passam de imitações grosseiras e imperfeitas. Será necessário

ignorar os ensinamentos básicos do Espiritismo para aceitarmos que existe uma mínima semelhança entre ambos, e para pensarmos que nos ocupamos com este tipo de trabalho nas reuniões espíritas.

Os Espíritos se manifestam a pedido de determinada pessoa, mas apenas de acordo com sua vontade e em condições especiais que ninguém tem o poder de provocar.

**23.** Ao contrário do que muitos imaginam, as evocações espíritas não consistem em fazer com que os mortos voltem com o aparato lúgubre do túmulo. Apenas nos romances, nos contos fantásticos do outro mundo e nos teatros é que se vêem mortos enfurecidos saindo de seus sepulcros, vestidos com suas mortalhas e estalando os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, não fará este e nem fará com que um cadáver reviva. O corpo que está na sepultura permanece aí definitivamente; porém, o ser espiritual fluídico, inteligente, não foi sepultado junto com seu envoltório grosseiro, do qual se separou no momento da morte. Após esta separação, o Espírito nada mais tem a ver com o corpo.

**24.** A crítica maldosa sente prazer em representar as comunicações espíritas envoltas nas práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Afirmamos, com toda simplicidade que, para nos comunicarmos com os Espíritos, não existem dias, horas ou locais mais propícios do que outros. Para sua evocação, não precisamos de fórmulas, de palavras sacramentais ou cabalísticas; não há necessidade de nenhuma preparação ou iniciação; não surte nenhum efeito o emprego de sinais para atraí-los ou repeli-los. Basta o pensamento. Os médiuns recebem suas comunicações tão simples e naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva, sem sair de seu estado normal. Só o charlatanismo poderia utilizar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos.

A evocação dos Espíritos é feita em nome de Deus, com respeito e recolhimento, e esta é a única atitude recomendada para quem deseja, seriamente, se relacionar com Espíritos sérios.

**25.** As comunicações inteligentes recebidas dos Espíritos podem ser boas ou más, verdadeiras ou falsas, profundas ou levianas, dependendo da natureza dos Espíritos que se manifestam. Os Espíritos adiantados, que já progrediram, provam este estado através de comunicações repletas de conhecimento e de sabedoria; os Espíritos atrasados demonstram ignorância e más qualidades, porém têm a oportunidade de progredir com o tempo.

Os Espíritos só respondem sobre o que conhecem, de acordo com o progresso de cada um, e só se manifestam sobre o que lhes é permitido, pois existem coisas que não podem revelar, uma vez que a humanidade ainda não está preparada para conhecê-las.

**26.** Em razão da diversidade das qualidades e das aptidões dos Espíritos, não devemos nos dirigir a um Espírito qualquer para obtermos uma resposta justa, porque para muitas das questões o Espírito só pode dar sua opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa. Se for sensato, confessará sua ignorância sobre o que não sabe; se leviano ou mentiroso, responderá a tudo sem se preocupar com a verdade; se orgulhoso, emitirá sua opinião como verdade absoluta.

Haveria, pois, imprudência e leviandade em aceitar sem controle tudo o que vier dos Espíritos. Daí porque é essencial conhecermos a natureza daqueles com os quais nos relacionamos (*O Livro dos Médiuns*, no. 267).

**27.** Reconhecemos a qualidade dos Espíritos através de sua linguagem. A linguagem dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição, exprimindo sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral. É concisa e sem palavras inúteis.

Nos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vazio das idéias tende a ser compensado quase sempre pela abundância de palavras. Todo pensamento notoriamente falso, toda máxima contrária à moral saudável, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou frívola, toda marca de maldade, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

**28.** O objetivo da Providência, nas manifestações, é convencer os incrédulos que nem tudo acaba para o homem com o fim da vida terrestre, e dar ao crente idéias mais exatas sobre o futuro. Os bons Espíritos vêm nos instruir visando nossa melhoria e nosso adiantamento, e não para nos revelar o que ainda não sabemos ou que só saberemos em decorrência de nosso trabalho.

Se bastasse interrogar os Espíritos para obtermos a solução de todas as dificuldades ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, qualquer ignorante poderia tomar-se sábio com pouco ou nenhum esforço, e todo preguiçoso poderia enriquecer sem trabalho. Isto é justamente o que Deus não quer. Os Espíritos auxiliam, através da inspiração, o homem que deseja progredir, mas não tiram dele o trabalho ou a pesquisa, deixando-lhes todo o mérito de suas ações.

**29.** Os Espíritos não são auxiliares de adivinhos, idéia completamente falsa que devemos repelir. Os Espíritos sérios se recusam a se dedicar a coisas fúteis; os Espíritos levanos e zombeteiros se ocupam de tudo, respondendo a todas as questões e predizendo tudo o que lhes for pedido, sem se preocupar com a verdade; para eles é um prazer mistificar e enganar as pessoas demasiadamente crédulas. É fundamental que tenhamos plena consciência das perguntas que podemos fazer aos espíritos. (*O Livro dos Médiuns, no. 286 'Perguntas que se podem fazer aos Espíritos'*).

**30.** As manifestações, portanto, não se destinam a servir a interesses materiais, pois

estes devem ser deixados a cargo da inteligência, do julgamento e da atividade do homem. Seria inútil pretender usá-las para conhecer o futuro, descobrir tesouros ocultos, reaver heranças ou encontrar meios de enriquecer. Sua utilidade está no resultado das conseqüências morais que resultam dessas manifestações; mesmo que este resultado fosse, apenas, tornar conhecida uma nova lei da natureza ou demonstrar materialmente a existência e a imortalidade da alma, já seria suficiente, seria como descortinar uma larga estrada para a filosofia.

**31.** Através destas simples explicações, podemos constatar que as manifestações espíritas, quaisquer que sejam suas naturezas, nada têm de sobrenatural ou de maravilhoso. São fenômenos produzidos em virtude da lei que rege as relações do mundo corporal e do espiritual, lei tão natural quanto as da eletricidade, gravidade, etc. O Espiritismo é a ciência que nos possibilita conhecer esta lei, como a mecânica nos revela a lei do movimento e a ótica a da luz. Como são naturais, as manifestações espíritas se produziram em todas as épocas, e a partir do conhecimento da lei que as rege, temos a explicação de inúmeros problemas considerados insolúveis.

As comunicações espíritas são a chave de uma grande quantidade de fenômenos explorados e aumentados pela superstição.

**32.** Quando eliminamos o maravilhoso, nada há nestes fenômenos que vá de encontro à razão, porque eles apenas se alinham com outros fenômenos naturais.

Em virtude da ignorância das pessoas, todos os efeitos cujas causas eram desconhecidas eram considerados como sobrenaturais. As descobertas da ciência reduziram cada vez mais o círculo do maravilhoso, e o conhecimento dessa nova lei vem suprimi-lo de vez. Aqueles que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso provam, pela ignorância, que falam sobre o que não conhecem.

### III – DOS MÉDIUNS

**33.** O médium possui apenas a faculdade de se comunicar, mas a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se os Espíritos não desejarem se manifestar, o médium não obtém nenhum resultado, é como um instrumento sem músico.

**34.** A facilidade das comunicações depende do grau de afinidade que existe entre os fluidos do médium e os do Espírito. Assim, cada médium tem maior ou menor aptidão para receber a impressão ou o impulso do pensamento deste ou daquele Espírito, e isto pode ser bom para um e ruim para outro. Concluímos, então, que se colocarmos lado a lado dois médiuns igualmente capacitados, o Espírito poderá se manifestar através de um deles e não do outro.

É errado acreditar, pois, que basta ser médium para receber com igual facilidade as comunicações de todo e qualquer Espírito. Não existem médiuns universais, os Espíritos procuram, preferencialmente, os instrumentos que vibram em harmonia.

Sem a harmonia, única causa que pode levar à assimilação fluídica, as comunicações se tornam impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas, pois a ausência do Espírito desejado pode abrir caminho para outros Espíritos desejosos de aproveitar a ocasião para se manifestar, sem nenhuma preocupação com a verdade.

**35.** O maior obstáculo da mediunidade é a obsessão, que é o domínio que determinados Espíritos podem exercer sobre os médiuns, aos quais se apresentam com nomes falsos, impedindo-os de se comunicar com outros Espíritos.

**36.** A faculdade mediúnica é o atributo do médium propriamente dito. Ele pode ter, sob este aspecto, melhor ou pior formação, e ser mais desenvolvido ou não. O que qualifica o médium como médium seguro, também qualificado como bom médium, é a aplicação que ele faz de sua faculdade, a aptidão para servir de intérprete aos bons Espíritos (*O Livro dos Médiuns, capítulo XXIII*).

**37.** Como a mediunidade se subordina à vontade dos Espíritos ela é, por consequência, essencialmente móvel e fugidia, sujeita a interrupções. Este motivo, aliado ao princípio que rege a comunicação, faz com que a mediunidade não se torne uma profissão lucrativa, visto que não poderia ser nem permanente nem aplicável a todos os Espíritos, podendo falhar no momento que mais fosse necessária.

Aliás, foge à racionalidade imaginarmos que Espíritos sérios se coloquem à disposição do primeiro que os queiram explorar.

**38.** Os incrédulos, de maneira geral, tendem a suspeitar da boa fé dos médiuns e do emprego de meios fraudulentos. Além de ser injuriosa para certas pessoas, esta suposição precisaria responder que interesse elas teriam em enganar, em brincar ou em representar uma comédia. A melhor garantia de sinceridade está no total desinteresse porque, onde não há nada a ganhar, o charlatanismo perde sua razão de ser.

Qualquer pessoa pode verificar a realidade dos fenômenos, desde que se coloque em condições favoráveis e, através da observação dos fatos, se arme da paciência, da perseverança e da imparcialidade necessárias.

## IV – DAS REUNIÕES ESPÍRITAS

**39.** Os Espíritos são atraídos pela simpatia, pela semelhança de gostos e de caráter e pela intenção que faz com que sua presença seja desejada. Os Espíritos Superiores não participam de reuniões fúteis, da mesma forma que um sábio da terra não participaria de uma reunião de jovens inconseqüentes. O bom senso nos diz que não poderia ser de outra forma. Se os Espíritos Superiores participam destas reuniões, algumas vezes, é para dar conselhos saudáveis, combater os vícios e tentar reconduzir ao bom caminho, e quando não são ouvidos, retiram-se. Seria uma idéia completamente falsa acreditar que Espíritos sérios pudessem sentir prazer em responder a futilidades e a questões improdutivas, que não demonstram nem apego nem respeito por eles, nem desejo sincero de se instruir, e menos ainda, que possam se exibir em espetáculos para divertir curiosos, pois se assim não procederam em vida, não o fariam quando mortos.

**40.** A frivolidade das reuniões tem por finalidade atrair os Espíritos levianos, que apenas buscam uma oportunidade para enganar e mistificar. Da mesma forma como homens sérios não comparecem a reuniões fúteis, os Espíritos sérios só participam das reuniões sérias, cujo objetivo é a instrução e não a curiosidade. É em reuniões desse gênero que os Espíritos Superiores se comprazem em ministrar seus ensinamentos.

**41.** Em decorrência do acima exposto, a primeira condição de toda reunião espírita, para ser proveitosa, é a seriedade e o recolhimento; para se obter a ajuda habitual dos bons Espíritos, a reunião deve transcorrer respeitosa, religiosamente e com dignidade. Não po-

demos esquecer que se esses Espíritos houvessem se apresentado ainda vivos nestas reuniões, teríamos devotado a eles uma grande consideração, que eles merecem de forma mais acentuada depois da morte do corpo físico.

**42.** É inútil defender a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas que servem apenas para convencer os incrédulos, pois o resultado que se obtém é completamente oposto. O incrédulo, naturalmente propenso a zombar das crenças mais sagradas, não pode encarar seriamente o que lhe é apresentado de forma desrespeitosa.

É por isso que as reuniões fúteis, onde não há ordem, nem seriedade, nem recolhimento, sempre lhe causam má impressão. O que pode convencê-lo é a prova da presença de seres cuja lembrança lhe é querida, e o vemos comover-se e empalidecer-se diante das palavras graves e solenes destes seres, de suas revelações íntimas. Mas, da mesma forma que tem respeito, veneração e afeto pelo ser cuja alma lhe é apresentada, fica chocado e escandalizado por vê-la comparecer a uma reunião irreverente, no meio de mesas que dançam e dos gracejos de Espíritos levianos.

Por mais incrédulo que seja, sua consciência nega essa aliança entre o sério e o frívolo, entre o religioso e o profano, razão porque rotula tudo isso de enganação, saindo da reunião menos convencido do que se achava ao entrar.

As reuniões deste tipo sempre fazem mais mal do que bem, pois afastam as pessoas em vez de reuni-las, sem contar que se sujeitam às críticas dos detratores, que nelas encontram fundadas razões para zombaria.

**A.M.A**

**ASSISTÊNCIA MAIS AMOR**

**CARÁTER DA REVELAÇÃO ESPÍRITA**



Setembro/1867

## INTRODUÇÃO

Originalmente publicado como artigo da *Revista Espírita* de setembro de 1867, este texto se transformou posteriormente no primeiro capítulo do livro “A Gênese”, lançado em Paris em janeiro de 1868, e que foi o último livro da Codificação publicado enquanto Kardec ainda estava encarnado.

O extraordinário conteúdo doutrinário deste texto justifica sua publicação neste livro, pois propiciou a Kardec as condições de poder refutar com muita propriedade a maior parte das críticas dirigidas contra o Espiritismo, vindas da sociedade cientificista e materialista da época.

# I – DOS ESPÍRITOS

1. O espiritismo pode ser considerado como uma revelação? Se for, qual será seu caráter? Em que se baseia sua autenticidade? Para quem e como esta revelação foi feita?

A doutrina espírita é uma revelação, no sentido teológico da palavra, ou seja, é o produto dos ensinamentos ocultos vindo do Alto? É absoluta ou passível de modificações?

Ao trazer a verdade integral para os homens, a revelação não estaria impedindo-os de usar suas faculdades, pois lhes poupariam o trabalho da investigação?

Qual a autoridade do ensinamento dos Espíritos, se eles não são infalíveis e nem superiores à humanidade?

Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral é a mesma pregada por Cristo, já conhecida por todos?

Quais as novas verdades que eles nos trazem?

O homem precisará de uma revelação?

E não poderá encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que é necessário para conduzir sua vida?

## **ESTAS SÃO AS QUESTÕES SOBRE AS QUAIS NOS OCUPAREMOS.**

2. É necessário definir, primeiramente, o sentido da palavra revelação.

Revelar vem do latim *revelare*, cuja raiz é *velum*, véu, que significa literalmente sair de debaixo do véu, e figuradamente significa descobrir, liberar o conhecimento de uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção popular mais genérica, essa palavra se emprega a respeito de qualquer coisa desconhecida que é divulgada, de qualquer idéia nova que nos coloca cientes do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da natureza são revelações, e podemos afirmar que existem revelações constantes para a humanidade. A astronomia revelou o mundo astral que não conhecíamos; a geologia revelou a

formação da terra, a química a lei das afinidades, a fisiologia as funções do organismo, etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier, foram reveladores.

3. A verdade tem que ser a característica essencial de qualquer revelação. Revelar um segredo é tornar um fato conhecido; se é falso já não é um fato, e por consequência, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos, deixa de ser uma revelação. Se for atribuída a Deus, e como Deus não mente e nem se engana, a revelação não pode originar-se dele, devendo ser considerada produto de uma concepção humana.

4. O professor é um revelador diante de seus alunos. Ele lhes ensina o que eles não sabem e que não teriam nem tempo nem possibilidade de descobrirem por si mesmos, pois a ciência é obra coletiva, que atravessa séculos, e de uma grande quantidade de homens que trazem, individualmente, seu universo de observações, aproveitáveis por aqueles que vêm depois.

O ensinamento é, na realidade, a revelação de determinadas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, transmitidas por homens que as detêm para outros que as ignoram, pois não havendo estas revelações, estes permaneceriam na ignorância.

5. Mas o professor ensina apenas o que aprendeu e é, portanto, um revelador de segunda ordem; o pesquisador, porém, que ensina o que descobriu por si mesmo e que traz a luz que pouco a pouco ilumina a todos, é de primeira ordem. O que seria da humanidade sem a revelação dos sábios que surgem de tempos em tempos?

Mas quem são esses sábios? E por que são sábios? De onde vieram? O que aconteceu com eles? Observamos que a maioria deles traz, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que desen-

volvem com facilidade. São humanos, pois nascem, vivem e morrem como todos nós; onde, porém, adquiriram esses conhecimentos que não aprenderam durante a vida? Os materialistas dirão que o acaso lhes deu maior quantidade de matéria cerebral, com melhor qualidade. A partir deste raciocínio, os sábios não teriam mais mérito do que um legume maior e mais saboroso do que outro. Alguns espiritualistas dirão que Deus lhes deu uma alma mais favorecida do que à grande maioria dos homens. Esta é uma suposição completamente ilógica, pois nesse caso Deus seria parcial. A única solução racional para esta questão é a preexistência da alma durante a pluralidade das vidas. O sábio é um Espírito que já viveu mais tempo, tendo adquirido por consequência maior progresso do que aqueles que estão menos adiantados. Traz toda sua experiência ao reencarnar, e como sabe mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado, então, de sábio. Seu saber, entretanto, é fruto de um trabalho anterior e não de um privilégio. Antes de renascer ele já era um Espírito adiantado, e reencarna para fazer com que outros aproveitem o que ele sabe, ou para adquirir mais conhecimentos.

Os homens progredem naturalmente por si mesmos e pelos esforços de sua inteligência, mas se ficassem entregues às próprias forças, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados como o aluno o é pelo professor, seu progresso seria muito lento.

Todos os povos tiveram seus sábios, surgidos em diversas épocas com a finalidade de impulsioná-los e tirá-los da inércia.

**6.** Se admitirmos o zelo de Deus com suas criaturas, por que não admitirmos que Espíritos capazes por sua energia e superioridade de conhecimento, encarnem pela vontade divina e façam com que a humanidade avance com a finalidade de ativar o progresso em determinado sentido? Por que não admitir que eles recebem missões, como um embaixador as recebe de seu soberano?

Este é o papel dos grandes sábios. O que eles vêm fazer é ensinar as verdades aos homens que as ignoram e que continuariam a ignorá-las durante longos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio que lhes permita se elevarem mais rapidamente.

Esses sábios, que surgem com o passar dos séculos como estrelas brilhantes que deixam atrás de si longo traço luminoso sobre a humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Tudo o que ensinam aos homens, quer na ordem física ou na filosófica, são revelações. Se Deus cria reveladores para as verdades científicas, pode, com maior razão, criá-los para as verdades morais que constituem elementos essenciais do progresso. Eles são os filósofos cujas idéias atravessam os séculos.

**7.** No sentido específico da fé religiosa, a revelação se refere mais particularmente às coisas espirituais que o homem não conhece por conta própria e que não tem condições de descobrir através dos sentidos.

O conhecimento desta revelação é transmitido por Deus ou por seus mensageiros, por meio da palavra direta ou por intermédio de inspiração. Neste caso a revelação é feita, sempre, para homens escolhidos, chamados de profetas ou messias, isto é, enviados ou missionários, incumbidos de transmiti-la aos homens. Sob este ponto de vista, a revelação implica em total passividade e temos que aceitá-la sem verificação, exame ou discussão.

**8.** Todas as religiões tiveram seus reveladores que, longe de conhecerem toda a verdade, tinham uma aptidão providencial, pois eram adequados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros de suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, assim, semear as sementes do progresso, que se desenvolveriam mais tarde ou que se desenvolverão sob a luz brilhante do cristianismo.

É injusto, pois, criticá-los em nome da ortodoxia, porque chegará o momento em que todas es-

tas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam sobre um mesmo princípio fundamental – Deus e a imortalidade da alma – se fundirão numa grande e vasta unidade à medida que a razão se sobrepuser aos preconceitos.

Infelizmente as religiões têm servido, sempre, como instrumento de dominação, e o papel de profeta desencadeou ambições menos nobres, surgindo daí uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que valendo-se do prestígio desses títulos exploraram a credulidade em proveito de seu orgulho, de sua ganância ou de sua indolência, julgando ser mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não conseguiu evitar estes parasitas.

Chamamos a atenção, sobre o assunto, para o capítulo XXI do “O Evangelho segundo o espiritismo” ‘Haverá falsos cristos e falsos profetas’.

**9.** Existem revelações que Deus fez diretamente aos homens? Esta é uma questão que não ousamos responder de forma conclusiva, nem positiva nem negativamente. O fato não é de todo impossível, mas não temos nenhuma prova de que ocorreu. O que não deixa dúvida é que os Espíritos mais semelhantes a Deus, em sua perfeição, se impregnam de seus pensamentos e podem transmiti-los.

Dependendo da ordem hierárquica a que pertencem e do grau de sua evolução, os reveladores encarnados podem utilizar seus próprios conhecimentos para transmitir as instruções que repassam, ou ainda recebê-las de Espíritos mais elevados ou até de mensageiros de Deus, os quais falando em nome Dele são confundidos às vezes com o próprio Deus. As comunicações deste tipo nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela simples inspiração, pela audição, pela visibilidade dos Espíritos instrutores, nas visões e aparições, em sonho ou em estado de vigília, dos quais existem muitos exemplos na Bíblia, no Evangelho ou nos livros sagrados de todos os povos.

Podemos, portanto, afirmar com toda certeza que quase todos os reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes. Não devemos, entretanto, concluir que todos os médiuns sejam reveladores ou, menos ainda, que sejam intermediários da divindade ou de seus mensageiros.

**10.** Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la, mas sabemos que os Espíritos estão longe de ser perfeitos e que muitos se apresentam sob falsas aparências, o que motivou João a dizer: ‘Não acreditem em todos os Espíritos, verifiquem antes se todos são Espíritos de Deus’ (1ª. Epístola, capítulo 4, versículo 1).

Pode haver, pois, revelações sérias e verdadeiras, como também existem as apócrifas ou mentirosas. A verdade eterna é o caráter essencial da revelação divina. Toda revelação repleta de erros ou passível de ser modificada, não pode emanar de Deus. É por esse motivo que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, por serem transitórias e muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes dos povos, essas leis caíram em desuso, ao passo que o Decálogo sempre se manteve como farol da humanidade. O Cristo fez dele a base de seus ensinamentos, abolindo as demais leis, pois se estas fossem obras de Deus, seriam mantidas intactas.

O Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo, provando desta forma a missão divina que lhes foi confiada. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

**11.** A possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual é uma importante revelação na época atual; esse conhecimento não é novo, sem dúvida, mas permaneceu até nossos dias como letra morta, sem nenhuma utilidade para a humanidade. A ignorância das leis que re-

gem essas relações o manteve coberto por superstição, pois o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Temos, na atualidade, que livrá-lo dos acessórios ridículos para que possamos compreender seu alcance e fazer com que surja a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

**12.** O Espiritismo é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra, ao nos permitir conhecer o mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem nos darmos conta, das leis que o regem, de sua relação com o mundo visível, da natureza e do estado dos seres que o habitam e, por conseqüência, do destino do homem depois da morte.

**13.** Em razão de sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter, pois participa ao mesmo tempo da revelação divina e da científica. O surgimento da divina foi providencial e não contou nem com a iniciativa nem com um desejo premeditado do homem: os pontos fundamentais da doutrina provêm dos ensinamentos que os Espíritos encarregados por Deus transmitiram acerca das coisas que os homens ignoravam, e que não podiam deduzir e aprender por si próprios, mas que agora estão aptos a conhecer e a compreender. Os ensinamentos trazidos pela revelação científica não constituem privilégio de nenhuma pessoa, pois foram ministrados a todos, da mesma maneira. Tanto os que os transmitem quanto os que os recebem não atuam passivamente, pois são forçados a observarem e pesquisarem utilizando o raciocínio e o livre arbítrio, não lhes sendo proibido, mas ao contrário estimulado, o exame destes ensinamentos.

A doutrina não foi transmitida completa nem imposta como fé cega, pois é deduzida pelo trabalho dos homens através dos fatos que os Espíritos lhes colocam sob os olhos e das instruções que lhes dão, e que os homens estudam, comentam, comparam, a fim de tirarem suas próprias deduções e aplicações. Em resumo, o que caracteriza a revelação espírita é que ela é divina em sua origem,

pois advém da iniciativa dos Espíritos, mas é também científica, pois sua elaboração depende do trabalho dos homens.

**14.** Da mesma forma que nas ciências positivas, o Espiritismo usa o método experimental na elaboração de sua doutrina.

Quando fatos novos se apresentam e não podem ser explicados pelas leis conhecidas, ele os observa, compara, analisa e parte dos efeitos para determinar as causas, chegando então às leis que os regem; deduz, em seguida, as conseqüências e busca suas aplicações úteis. Como não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida, o Espiritismo não apresentou, como hipóteses, nem a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito ou a reencarnação, nem qualquer dos princípios da doutrina, tendo concluído pela existência dos Espíritos quando essa existência se evidenciou através da observação dos fatos, procedendo da mesma forma em relação aos demais princípios.

Não foram os fatos que vieram confirmar a teoria, mas esta é que serviu para explicar e confirmar os fatos.

Podemos, pois, afirmar com toda certeza, que o Espiritismo é uma ciência de observação e não um produto da imaginação.

As ciências somente progrediram quando seus estudos se basearam no método experimental, pois até esse momento acreditava-se que esse método fosse aplicável apenas à matéria, mas ficou demonstrado, porém, que também pode ser usado nos assuntos metafísicos.

**15.** Citemos um exemplo: um fato muito singular acontece no mundo dos Espíritos e que nunca ninguém havia suspeitado, qual seja o de haver Espíritos que não se consideram mortos. Os Espíritos superiores, que conhecem perfeitamente este assunto, não vieram nos alertar antecipadamente afirmando "que há Espíritos que julgam ainda viver na terra, conservando seus gostos, costumes e instintos". Provocaram a manifestação desses Espíritos para que pudéssemos observá-los.

A partir da constatação que existiam Espíritos incertos quanto ao seu estado ou afirmando que ainda pertenciam a este mundo e continuavam a se dedicar aos seus afazeres terrenos, deduziu-se a regra. O grande número de fatos semelhantes demonstrou que isto não era uma exceção, mas que constituía uma das fases da vida espiritual; a partir desta constatação, pudemos estudar todas as variedades e causas de tal ilusão, reconhecendo que esta situação ocorre particularmente com Espíritos pouco adiantados moralmente, e com determinados tipos de morte; a ilusão, embora seja temporária, pode durar dias, meses e anos.

A teoria nasceu da observação destes fatos, o mesmo ocorrendo com todos os outros princípios da doutrina.

**16.** Tal como a ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo das leis dos princípios materiais, o objeto específico do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Como esse princípio é uma das forças da natureza, que reage incessante e reciprocamente sobre o princípio material, concluímos que o conhecimento de um deles não será completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência sem o Espiritismo não consegue explicar certos fenômenos apenas pelas leis materiais, e o Espiritismo sem a Ciência, não teria nem apoio nem comprovação. O estudo das leis da matéria deve preceder o da espiritualidade, pois é a matéria que nos toca primeiramente; se o Espiritismo viesse antes das descobertas científicas, não produziria efeito, como acontece com tudo o que acontece antes do tempo.

**17.** Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional, e umas se originam

de outras à medida que encontram ponto de apoio nas idéias e conhecimentos anteriores. A Astronomia, que foi uma das primeiras a ser desenvolvida, conservou os erros de criação até o momento em que a Física veio revelar a lei das forças dos agentes naturais; a Química, dependente da Física, teve que acompanhá-la de perto até o momento em que ambas puderam marchar lado a lado, amparando-se reciprocamente. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica, a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio dos ensinamentos da Física e da Química. A Geologia, ciência recente, não conseguiria se desenvolver sem se utilizar dos conhecimentos da Astronomia, da Física, da Química e de todas as outras, portanto ela só poderia surgir depois de todas elas.

**18.** A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos da antiguidade (NT: água, fogo, terra e ar), e de observação em observação, chegou à concepção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria. Mas a matéria sendo inerte, não tem pensamento ou sentimento, e por isso precisa necessariamente estar unida ao princípio espiritual.

O Espiritismo não descobriu nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrar sua existência, através de provas incontestáveis, estudando-o, analisando-o e tornando evidente sua ação. O Espiritismo juntou o elemento espiritual ao elemento material, e estes dois princípios são as forças vivas da natureza. Essa união indissolúvel veio explicar uma quantidade muito grande de fatos considerados inexplicáveis. **(1)**

Como o espiritismo tem por objeto o estudo de um dos dois elementos constitutivos do universo, utilizando forçosamente grande

---

*Nota de Allan Kardec (1): A palavra elemento não é empregada aqui no sentido de corpo simples, elementar, de moléculas primitivas, nas no de parte constitutiva de um todo. Pode-se afirmar, nesse sentido, que o elemento espiritual tem parte ativa na vida do Universo, da mesma forma que afirmamos que o elemento civil e o elemento militar figuram no cálculo de uma população, ou que o elemento religioso entra na educação, ou que na Argélia existem o elemento árabe e o elemento europeu.*

parte das ciências, não poderia vir, portanto, antes de sua elaboração, tendo nascido da impossibilidade de tudo se explicar apenas pelas leis da matéria.

**19.** O Espiritismo é acusado de parentesco com a magia e a feitiçaria; os acusadores se esquecem, porém, que a Astronomia tem por origem a Astrologia judiciária, ainda recente entre nós; que a Química é filha da Alquimia, à qual nenhum homem sensato dedicaria atenção atualmente; ninguém nega, porém, que na Astrologia e na Alquimia estivesse contida a semente das verdades que originaram as ciências atuais. Apesar das suas ridículas fórmulas, a Alquimia encaminhou a descoberta dos corpos simples e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela havia estudado; mas como as pessoas desconheciam as verdadeiras leis que regiam o mecanismo do universo, consideravam os astros como seres misteriosos, que tinham uma influência moral e um sentido de revelação.

Quando Galileu, Newton e Kepler tornaram conhecidas estas leis e o telescópio abriu as cortinas, mergulhou nas profundezas do espaço e lançou um olhar que algumas pessoas julgaram indiscreto, os planetas passaram a ser vistos como simples mundos semelhantes ao nosso, e toda estrutura do maravilhoso desmoronou.

O mesmo acontece com o Espiritismo em relação à magia e à feitiçaria, que se apoiavam também na manifestação dos Espíritos, tal como a Astrologia se apoiava no movimento dos astros. Como ignoravam, porém, as leis que regiam o mundo espiritual, misturavam práticas e crenças ridículas, eliminadas pelo moderno Espiritismo através da experiência e da observação.

Certamente a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, entre a Química e a Alquimia, e confundi-los é provar total ignorância a seu respeito.

**20.** O simples fato do homem poder se comunicar com os seres do mundo espiritual traz conseqüências da mais alta importância, pois é todo um mundo novo que nos é revelado e que ganha grande importância quando sabemos que atinge todos os homens, sem exceção.

O conhecimento deste fato ocasiona profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças, que exercem grande influência sobre as relações sociais. É uma revolução completa das idéias, tanto maior e poderosa, pois não se limita a um povo, ou a uma classe, atingindo simultaneamente, através do coração, todas as classes, todas as nacionalidades e todos os cultos.

Essas são algumas razões que justificam porque o Espiritismo é considerado a terceira das grandes revelações. Veremos a seguir a diferença destas revelações e o que as une entre si.

**21.** Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, Senhor Soberano e Criador de todas as coisas; promulgou as leis do Sinai e lançou as bases da verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo através de quem essa primitiva fé, purificada, se espalharia por toda a terra.

**22.** O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino, e desconsiderando o que é apenas transitório, disciplinar ou de concepção humana, acrescentou a revelação da vida futura, da qual Moisés não falara, assim como das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte (Ver Revista Espírita, 1861, páginas 90 e 280).

**23.** O ponto de vista inteiramente novo sob o qual o Cristo considera a Divindade é a parte mais importante de sua revelação, e pode ser considerado como a causa primária, a pedra angular de toda sua doutrina.

Não temos mais o Deus terrível, ciumento, vingativo, trazido por Moisés, aquele Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o exter-

mínio dos povos, inclusive de mulheres, crianças e idosos, e que castiga a quem poupa suas vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pelo erro cometido por seu chefe, ou que se vinga do culpado na pessoa de um inocente, que fere os filhos pelos erros dos pais. O Deus do Cristo é clemente, soberanamente justo e bom, pleno de mansidão e de misericórdia, que perdoa o pecador arrependido e que dá a cada um segundo suas obras. Não é mais o Deus de um único povo escolhido, o Deus dos exércitos, que presidia os combates para fazer valer sua própria causa contra o deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende sua proteção sobre todos os filhos e os chama para si; já não é o Deus que pune ou recompensa apenas com os bens terrenos, que se glorifica e se felicita pela escravidão dos povos rivais ou pela multiplicidade de sua paternidade, mas um Deus que diz aos homens "Sua verdadeira pátria é o reino celestial e não este mundo, pois lá os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos, humilhados". Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e que ordena que se pague olho por olho, dente por dente, mas o Deus da misericórdia que diz "Perdoem as ofensas se querem ser perdoados, façam o bem em troca do mal, e não façam aos outros o que não querem que lhes façam".

Já não é o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que se ofende pelo não cumprimento de uma determinação, mas o Deus grande, que vê o pensamento e despreza a forma. É, enfim, o Deus que deseja ser amado e não o Deus que deseja ser temido.

**24.** Sendo Deus o centro de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, as características de todas as religiões se amoldam à idéia que cada uma faz de Deus. As que fazem de Deus um ser vingativo e cruel julgam honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas; as que se moldam a um Deus parcial e cioso são intolerantes

e relativamente meticulosas na forma, por acreditarem em um Deus contaminado pelas fraquezas e inhumanidades humanas.

**25.** Toda a doutrina do Cristo se baseia no caráter que Ele atribui à divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Cristo fez do amor a Deus e da caridade para com o próximo a condição irrestrita da salvação, dizendo "Amem a Deus acima de todas as coisas e ao seu próximo como a si mesmo, pois aqui estão toda a lei e os profetas, não existindo outra lei".

O Cristo colocou sobre esta crença o princípio da igualdade dos homens perante Deus e da fraternidade universal. Seria possível amar o Deus de Moisés? Não, apenas temê-lo.

Esta revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, juntamente com a idéia da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações humanas, impondo-lhes novas obrigações, fazendo-as encarar a vida presente sob outro aspecto, e reagir contra os costumes e as relações sociais.

Este é o ponto capital da revelação do Cristo, cuja importância e conseqüências não foram compreendidas suficientemente, e infelizmente ainda constitui o ponto do qual a humanidade encontra-se mais afastada, desconhecendo seus ensinamentos.

**26.** O Cristo acrescenta, entretanto: "Vocês não compreendem muitas das coisas que lhes digo, e tenho muitas outras a dizer, que também não seriam compreendidas, razão pela qual lhes falo por parábolas; mais tarde, porém, lhes enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que restabelecerá e explicará todas as coisas" (João, 14 e 16, Mateus, 17). Se o Cristo não disse o que podia dizer foi porque julgou conveniente deixar determinadas coisas não reveladas, até que os homens chegassem ao estado que pudessem compreendê-las. Como Ele próprio disse, seus ensinamentos eram incompletos e anunciava a vinda daquele que os completaria; previra que suas palavras não seriam bem interpreta-

das e que os homens se desviariam de seus ensinamentos; em suma, desfariam o que Ele fez, uma vez que todas as coisas serão restabelecidas; ora, só se restabelece o que foi desfeito.

**27.** Porque o Cristo chama o novo messias de Consolador? Esse nome, significativo e sem qualquer outra interpretação, encerra toda uma revelação. O Cristo previa que os homens teriam necessidade de consolação, pois não a encontrariam nas crenças que iriam fundar. Talvez o Cristo nunca tenha sido tão claro e tão explícito quanto nestas palavras, às quais poucas pessoas deram suficiente atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar seu sentido profético.

**28.** Se o Cristo não conseguiu desenvolver seus ensinamentos de maneira completa, é porque faltavam aos homens os conhecimentos que só iriam adquirir com o passar do tempo e sem os quais não O compreenderiam; muitas das afirmações do Cristo pareceram estranhas e absurdas para o grau de conhecimento da época.

Devemos entender que para completar Seus ensinamentos, precisamos entender, explicar e desenvolver o sentido de Suas idéias e não juntar novas verdades, pois tudo no Cristo encontra-se no estado de germinação, faltando apenas a chave para se compreender o sentido de Suas palavras.

**29.** Mas quem ousa interpretar as Sagradas Escrituras? Quem tem este direito?

Somente os teólogos possuem os esclarecimentos necessários.

Quem ousa? Primeiramente a Ciência, que não precisa da permissão de ninguém para tornar conhecidas as leis da natureza e que passa por cima de erros e preconceitos.

Quem tem esse direito? Nesse século de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, todos têm o direito de examinar e as Escrituras não são mais a arca santa na qual ninguém se atreveria tocar com a ponta de um dedo, sob o risco de ser fulminado.

Sem contestar os conhecimentos necessários ao entendimento, que eram dominados pelos teólogos esclarecidos da idade média, particularmente pelos pais da igreja, eles ainda não eram suficientes para condenar, como heresia, o movimento da terra e a crença nos opostos. Mesmo sem ir tão longe, os teólogos atuais não lançaram críticas às teorias dos períodos de formação da terra?

Os homens só puderam explicar as Escrituras de acordo com seus conhecimentos, baseados nas noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da natureza, mais tarde reveladas pela ciência.

Esta foi a razão porque os teólogos, mesmo os de boa-fé, se enganaram sobre o sentido de certas palavras e fatos do Evangelho.

Querendo encontrar nele, a qualquer custo, a confirmação de uma idéia preconcebida, entraram num círculo vicioso, sem abandonar seu ponto de vista, só enxergando o que queriam ver. Por mais conhecimentos teológicos que tivessem, não podiam compreender causas que se originavam de leis que desconheciam. Mas quem julgará as interpretações diversas e algumas vezes contraditórias emitidas pela teologia? Somente o futuro, a lógica e o bom senso. À medida que novos fatos e novas leis foram se revelando, os homens se tornaram cada vez mais esclarecidos e souberam separar a realidade da utopia. A ciência torna conhecida algumas leis, e o Espiritismo revela outras, porém todas são indispensáveis à compreensão dos Textos Sagrados de todas as religiões, desde Confúcio e Buda até o Cristianismo. Quanto à teologia, ela não poderá alegar, conscientemente, contradições da ciência, pois ela também nem sempre está de acordo consigo mesma.

**30.** O Espiritismo, tomando por base as palavras do Cristo, tal como o Cristo se baseou nas de Moisés, é consequência direta de Sua doutrina. Agrega, à idéia vaga da vida futura, a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e que povoa o espaço, confirmando a crença, dando-lhe um corpo e uma

consistência, tornando-a uma realidade. Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Através do Espiritismo, o homem fica sabendo de onde veio, para onde vai, a razão de sua estada na terra e a razão de seu sofrimento temporário, e enxerga a justiça de Deus por toda parte.

Sabe que todas as almas são criadas iguais a partir de um mesmo ponto de origem e que, através do livre arbítrio, têm idêntica aptidão para progredir; sabe também que todas as almas são da mesma essência e que há entre elas apenas a diferença em relação ao progresso alcançado, e que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, com maior ou menor rapidez, através do trabalho e da boa vontade.

Sabe que não há criaturas abandonadas ou mais favorecidas do que outras; que Deus não deu privilégios nem dispensou nenhuma alma do trabalho imposto a todas para que progridam; que não há seres eternamente condenados ao mal e ao sofrimento; que as entidades conhecidas como demônios são Espíritos atrasados e imperfeitos que praticam o mal quando se encontram no estado de Espíritos, da mesma forma como praticavam na terra, mas que progredirão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram ao objetivo após terem percorrido a estrada do progresso; que não existem criações múltiplas nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei da unidade que rege o Universo e que todos os seres giram em torno de um objetivo comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa dos outros, pois são todos filhos de suas próprias obras.

**31.** Através das relações que o homem pode atualmente estabelecer com aqueles que deixaram a terra, ele tem não apenas a prova material da existência e da individualidade da alma, como também compreende

a solidariedade que liga os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos de outros planetas. Conhece a situação deles no mundo dos Espíritos, acompanha-os em suas migrações, testemunha suas alegrias e suas penas; sabe a razão por que são felizes ou infelizes e o que lhes aguarda, conforme o bem e o mal que fizeram. Estas relações iniciam o homem na vida futura, que ele pode observar em todas as suas fases, em todas as suas modificações; o futuro já não é uma vaga esperança, é um fato positivo, uma certeza matemática.

A partir daí, a morte não tem nada de aterrador, pois é sua libertação, a porta de sua verdadeira vida.

**32.** Através do estudo da situação dos Espíritos, o homem sabe que a felicidade e a infelicidade na vida espiritual são inerentes ao grau de sua perfeição ou de sua imperfeição; que cada um sofre as conseqüências diretas e naturais de suas faltas, ou, em outras palavras, que é punido porque pecou; que essas conseqüências duram tanto quanto a causa que as produziu e que, por conseguinte, o culpado sofreria eternamente se persistisse no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação; como o aperfeiçoamento depende de cada um, todos podem prolongar ou abreviar, através do livre arbítrio, seus sofrimentos, como o doente sofre pelos seus excessos enquanto não coloca um fim neles.

**33.** Se a razão nega, por serem incompatíveis com a bondade de Deus, as idéias das penas imperdoáveis, perpétuas e absolutas, impostas algumas vezes em função de uma única falta, ou os suplícios do inferno que nem o arrependimento ardente e sincero podem diminuir, então ela se inclina perante esta justiça distributiva e imparcial, que tudo considera, e que jamais fecha a porta de volta, estendendo sempre sua mão ao naufrago em vez de empurrá-lo para o abismo.

**34.** A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu nos Evangelhos sem defini-la como fez com muitos outros assuntos, é uma das mais importantes leis reveladas pelo Espiritismo, pois demonstra a realidade e a necessidade do progresso. O homem tem a explicação, por esta lei, das aparentes diferenças da vida humana: as de posição social, as mortes prematuras que sem a reencarnação tornariam inúteis as breves existências, e a desigualdade das aptidões intelectuais e morais, originadas pela antiguidade do Espírito que aprendeu e progrediu com maior ou menor intensidade, trazendo ao renascer o fruto de seu progresso adquirido em suas existências passadas.

**35.** Se nos atermos à doutrina da criação da alma no momento do nascimento, caímos no sistema do privilégio para algumas das criações; os homens seriam estranhos entre si pois nada os uniriam, e os laços de família seriam puramente carnis, não sendo de forma alguma solidários com um passado onde não existiam. Com a doutrina do nada após a morte, todas as relações cessam quando cessa a vida, e os seres humanos não serão solidários no futuro.

Através da reencarnação, se solidarizam no passado e no futuro, perpetuando suas relações tanto no mundo espiritual como no material, e onde a fraternidade tem por base as próprias leis da natureza; o bem tem objetivos delineados e o mal sofre as conseqüências inevitáveis.

**36.** Os preconceitos de raças e castas desaparecem com a reencarnação, pois um mesmo Espírito pode renascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. Não há nenhum argumento que não justifique de forma lógica a reencarnação, que não se posicione contra a injustiça da servidão e da escravidão ou contra a sujeição da mulher à lei do mais forte. A reencarnação se baseia na lei natural da fraternidade universal, como

também na da igualdade dos direitos sociais gerando, por decorrência, a da liberdade.

**37.** Se tirarmos do homem o Espírito livre e independente que sobrevive à matéria, teremos apenas uma simples máquina organizada, sem finalidade ou responsabilidade, próprio a ser explorado como um animal inteligente, sem outro freio que não seja a lei civil.

Se o homem nada espera após a morte, nada impede que aumente os gozos e prazeres do presente e, se sofre, só tem a perspectiva do desespero e do nada como abrigo. Suas idéias mudam, todavia, se tiver a certeza do futuro, com o reencontro daqueles a quem amou e com o temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu.

Ainda que só tivesse como única utilidade acabar com a dúvida relativa à vida futura, o Espiritismo faria muito mais pelo aperfeiçoamento moral dos homens do que todas as leis disciplinares que lhes impõem alguns limites, mas que não os transformam.

**38.** Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original, além de inconciliável com a justiça de Deus, pois tornaria todos os homens responsáveis pela falta cometida por um só, seria também um contrassenso não justificado, pois se a alma não existisse na época da falta não seria responsável por ela, agora, e não poderia corrigir seus defeitos.

Com a idéia da preexistência, o homem traz ao renascer a origem de suas imperfeições e dos defeitos que não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais e para a predisposição para este ou aquele vício. Este é seu verdadeiro pecado original, cujas conseqüências ele sofre de forma natural, mas com a diferença fundamental de que sofre a pena de suas próprias faltas e não as penas das faltas de outros. Outra diferença, que o consola, pois é totalmente animadora e equitativa, é a que assegura que cada existência lhe oferece os meios de progredir, seja pela eliminação de alguma imperfeição ou pela aquisição de novos conhecimentos até que, suficiente-

mente purificado, não necessite mais da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz qualidades naturais ao renascer, e aquele que progrediu intelectualmente traz idéias inatas; identificado com o bem, ele o pratica sem nenhum esforço, de forma natural, quase que sem pensar. Quem é obrigado a combater suas más tendências vive ainda em constante luta, pois aquele já as venceu vive feliz, enquanto este procura vencê-las.

Existe, portanto, a virtude original da mesma forma como existe o saber original e o pecado, ou melhor dizendo, o vício original.

**39.** O espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a ação deles sobre a matéria. Demonstrou a existência do perispírito, de que se suspeitava desde a antiguidade e que foi chamado por Paulo de corpo espiritual, isto é, corpo fluídico da alma sobrevivente após a destruição do corpo físico. Sabemos hoje que este invólucro é inseparável da alma, formando um dos elementos constitutivos do ser humano e é o veículo de transmissão do pensamento e que serve de união entre o Espírito e a matéria. O perispírito tem papel muito importante no organismo e em um número muito grande de doenças ligadas ao corpo e à mente.

**40.** O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à Ciência e fornece a chave de uma grande quantidade de fenômenos incompreendidos pela falta de conhecimento da lei que os rege, fenômenos espirituais que são negados pelo materialismo, e que são qualificados como milagres ou sortilégios por outras crenças. Destacamos dentre eles os fenômenos da dupla visão, da visão à distância, do sonambulismo natural e provocado, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações,

da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos se baseiam em leis naturais, como os fenômenos elétricos, que podem ser reproduzidos em condições normais, o Espiritismo derruba o império do maravilhoso e do sobrenatural e conseqüentemente a origem da maior parte das superstições.

O Espiritismo faz com que acreditemos em determinadas coisas consideradas como quiméricas por alguns e impede, também, que se acredite em muitas outras, pois demonstra sua impossibilidade e sua irracionalidade.

**41.** O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho vem, ao contrário, confirmá-lo, explicar e desenvolver através das novas leis da natureza e revelar tudo o que o Cristo disse e fez; esclarece os pontos obscuros do ensino cristão, de tal forma que aqueles que julgavam certas partes do Evangelho de difícil compreensão, ou mesmo inadmissíveis, passam a compreendê-las e a admiti-las sem nenhuma dificuldade, enxergando melhor seu alcance e podendo distinguir entre a realidade e a alegoria.

O Cristo se lhes afigura maior, e já não é apenas um filósofo, mas um Messias divino.

**42.** Temos que considerar o poder moralizador do Espiritismo que está presente em todas as ações da vida, tornando quase tangíveis as conseqüências do bem e do mal; a força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições através de inalterável confiança no futuro; a idéia de que cada pessoa pode ter perto de si aqueles a quem amou, aliada à certeza de revê-los e de se relacionar com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto fez e adquiriu até os derradeiros momentos de sua vida, em inteligência, sabedoria e moralidade, nada ficará perdido, reconhecem então que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador prometido.

Como é o Espírito de Verdade que preside ao

grande movimento da regeneração, a promessa de sua vinda se acha cumprida, pois o Espiritismo é, de fato, o verdadeiro Consolador. (2)

**43.** Se adicionarmos a estes resultados a rapidez prodigiosa da propagação do Espiritismo apesar de tudo o que fazem para abatê-lo, não poderemos negar que sua vinda seja providencial, visto que ele triunfa sobre todas as forças e sobre toda a má vontade dos homens.

A facilidade com que é aceito sem constrangimento por grande número de pessoas, apenas pelo poder das idéias, prova que o Espiritismo responde à necessidade que o homem tem de preencher o vazio aberto pela incredulidade, e que veio, portanto, no momento oportuno.

**44.** A quantidade de aflitos é muito grande, e não devemos admirar que tanta gente escolha uma doutrina que consola e não aquelas que levam ao desespero, pois o Espiritismo se dirige mais aos infelizes do que aos felizes. O doente fica contente ao ver chegar o médico, com mais satisfação do que aquele que está bem de saúde: os aflitos são os doentes e o Consolador é o médico.

Vocês que combatem o Espiritismo devem nos dar razões e motivos melhores do que ele nos dá, para que deixemos de segui-lo; curem as feridas da alma com mais segurança, dêem mais consolação, mais satisfação ao coração, esperanças mais legítimas, maiores certezas; façam um quadro mais racional, mais sedutor do futuro, porém não pretendam vencer o Espiritismo com a perspectiva do nada, com

a alternativa das chamas do inferno, ou com a inútil contemplação perpétua.

**45.** A primeira revelação foi personificada na pessoa de Moisés, a segunda no Cristo e a terceira não foi individualizada. As duas primeiras foram individuais, a terceira é coletiva, e esta é uma característica essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a nenhuma pessoa e ninguém, por consequência, pode proclamar-se seu profeta exclusivo; foi coletada simultaneamente por toda a terra, por milhões de pessoas de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição anotada por Lucas, autor dos Atos dos Apóstolos: "Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei meu espírito sobre toda a carne: seus filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões e os velhos terão sonhos" (Atos, 2:17 e 18).

Ela não se originou de nenhum culto especial, mas para servir como ponto de ligação para todos. (3)

**46.** As duas primeiras revelações são fruto do ensino pessoal e ficaram forçosamente localizadas, isto é, apareceram num só ponto, em torno do qual a idéia se propagou pouco a pouco, mas foram necessários muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, e ainda não o atingiram inteiramente.

A terceira tem esta particularidade, a de não estar personificada em um só indivíduo, surgindo simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se tornaram centros

---

*Nota de Allan Kardec (2): Muitos pais lamentam a morte prematura dos filhos, para cuja educação eles tanto se dedicaram, dizendo para si mesmos que tudo foi perda de tempo e de recursos materiais. Com os ensinamentos do Espiritismo, entretanto, não lamentariam esses sacrifícios e estariam dispostos a refazê-los mesmo tendo a certeza que veriam os filhos morrerem, porque sabem que se não foram aproveitados na vida presente, esta educação servirá para seu adiantamento espiritual, e será a base para a aquisição de novos ensinamentos em outra existência, e que quando voltarem a este mundo terão um patrimônio intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos.*

*Estas crianças trazem idéias inatas ao nascer, e detêm conhecimentos sem precisarem aprender.*

*Se os pais não têm a satisfação imediata de ver os filhos aproveitar a educação que lhes deram, eles as gozarão certamente mais tarde, quer como Espíritos ou como homens. Pode ser que eles sejam novamente os pais destes mesmos filhos, que se despontam como bem dotados pela natureza e que devem suas aptidões a uma educação precedente, da mesma forma que se os filhos se desviam para o mal pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde os desgostos e pesares que eles ocasionarem em nova existência. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap V, no.21, Mortes Prematuras).*

ou focos de irradiação. Ao se multiplicarem esses centros, seus raios se reuniram pouco a pouco, como os círculos formados por pedras lançadas na água, que acabarão em um determinado tempo por cobrir toda a superfície do globo.

Essa é uma das causas da rápida propagação da doutrina. Se ela houvesse surgido em um único ponto, se fosse obra exclusiva de um homem, formaria seitas ao seu redor, e talvez demorasse meio século para atingir apenas os limites do país onde surgira, ao passo que em apenas 10 anos já estende suas raízes de um pólo a outro da terra.

**47.** Esta circunstância, desconhecida na história das doutrinas, dá ao Espiritismo uma força excepcional e um irresistível poder de ação; se o perseguirem num determinado ponto, em algum país, será materialmente impossível que o persigam em toda parte e em todos os países. Em contraposição a um lugar onde lhe obstuem a marcha, haverá mil outros em que florescerá. Ainda mais, se o ferirem num indivíduo, não poderão feri-lo nos Espíritos, que são a fonte de onde emana. Ora, como todos os Espíritos estão por toda parte e sempre existirão, se por um acaso conseguissem sufocá-los em todo o globo, a Doutrina reapareceria pouco tempo depois porque se baseia nas leis da natureza e estas não podem ser suprimidas. Todos estes fatos devem persuadir àqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (Revista Espírita, fev 1865, pág 38, Perpetuidade do Espiritismo).

**48.** Entretanto, mesmo após a disseminação dos centros, eles poderiam permanecer iso-

lados uns dos outros ainda por muito tempo, pois, localizados como alguns estão, em países longínquos, faltava uma ligação entre eles, que os colocasse em união de pensamento com seus irmãos de crença, informando-os do que se fazia em outros lugares.

Esse traço de união que na antiguidade teria faltado ao Espiritismo, está disponível atualmente nas publicações que circulam por toda parte, condensando de forma única, concisa e metódica, o ensino dado universalmente sob múltiplas formas e em diversas línguas.

**49.** As duas primeiras revelações só podiam resultar de um ensino direto; como os homens não estivessem ainda bastante adiantados a fim de colaborarem para sua elaboração, elas tinham que ser impostas pela fé, sob a autoridade da palavra do Mestre.

Nota-se, contudo, uma sensível diferença entre elas, devida ao progresso dos costumes e das idéias, embora fossem feitas para o mesmo povo e no mesmo meio, porém com dezoito séculos de intervalo. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente de aconselhamento, livremente aceita e só se impõe pela aceitação; é controvertida desde quando foi fundada pelo Cristo, que não se incomodava de discuti-la com os seus adversários.

**50.** A terceira revelação surgiu na época de emancipação e de madureza intelectual dos homens, em que a inteligência já desenvolvida não aceitava representar um papel passivo, em que nenhuma idéia é aceita às ce-

---

*Nota de Allan Kardec (3): Nosso papel pessoal dentro do grande movimento de idéias que se prepara para o Espiritismo e que começa a se realizar, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir as causas e tirar-lhes as conseqüências. Comparamos todos os fatos que pudemos reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em resumo, estudamos e tornamos público o resultado de nossas pesquisas, atribuindo aos nossos trabalhos apenas o tamanho de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor nossas idéias a quem quer que seja. Ao publicá-las, usamos de um direito comum e quem as aceitou o fizeram livremente. Se essas idéias foram simpáticas a muitas pessoas, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de grande número de criaturas, não nos cabendo nenhuma vaidade, pois sua origem não nos pertence. Nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Fizemos, em tudo isso, o que qualquer outra pessoa poderia ter feito, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem a pretensão de nos apresentarmos como tal.*

---

gas, desejando ver para onde o conduzem, querendo saber a razão de cada coisa. Essa doutrina tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensinamento e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame. Os Espíritos ensinam o que é necessário para guiar o homem no caminho da verdade, mas não lhe revelam o que pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo à análise da razão, fazendo com que, algumas vezes, adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio e os materiais, cabendo a ele aproveitá-los e colocá-los em obra.

**51.** Como os elementos das revelações espíritas foram ministrados simultaneamente em muitos pontos, para homens de todas as condições sociais e de diversos graus de instrução, é lógico que o resultado das observações não podem ser o mesmo em todas as partes; as conseqüências que devemos tirar e as leis que devemos deduzir e que regem esta ordem de fenômenos, nos levam à conclusão que as idéias só podiam se consolidar quando reunidas no conjunto e na correlação dos fatos. Ora, cada centro considerado isoladamente, limitado dentro de um círculo restrito, tendo apenas a visão de fatos específicos, muitas vezes aparentemente contraditórios e provenientes de um mesmo tipo de Espíritos, limitados por influências locais e pelo espírito de corpo, se encontrava na impossibilidade material de abranger o conjunto, sendo por isso mesmo in-

capaz de unir, em um princípio comum, as observações isoladas. Cada centro, analisando os fatos sob o ponto de vista de seus conhecimentos restritos e de suas crenças anteriores, ou da opinião pessoal dos Espíritos que se manifestassem, geraria inúmeras teorias e sistemas, todos incompletos por lhes faltarem os elementos de comparação e de exame. Resumindo, cada centro se imobilizaria em torno de sua revelação parcial, julgando possuir toda a verdade, ignorando que em muitos outros lugares estas informações eram melhores ou em maior quantidade.

**52.** Convém notar, além disso, que os ensinamentos espíritas não foram transmitidos integralmente em nenhuma parte; eles se referem a um número muito grande de observações e a assuntos tão diferentes, que exigem conhecimento e aptidões mediúnicas especiais, que seria impossível todos estarem reunidos num mesmo ponto. Como o ensinamento tem que ser coletivo e não individual, os Espíritos dividiram o trabalho entre si, da mesma forma que em algumas fábricas diversos operários produzem as partes de um mesmo produto. A revelação se fez, assim, parcialmente em diversos lugares e por uma grande quantidade de intermediários e é dessa maneira que ainda permanece, pois nem tudo foi revelado. Cada centro se completa com outro centro, e a doutrina espírita é o resultado da ordenação de todos os ensinamentos parciais. Era, pois, necessário agrupar os fatos espalhados para que pudéssemos aprender a correla-

---

*Nota de Allan Kardec (4): O Livro dos Espíritos, através da dedução das conseqüências morais dos fatos, foi a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado sob o ponto de vista filosófico; ao considerar todas as partes da doutrina e tocar nas questões mais importantes que ela levanta, este livro foi desde o princípio o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. O Espiritismo filosófico se iniciou na mesma época em que esse livro foi publicado, pois anteriormente ele era considerado sob o ponto de vista das experiências curiosas. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria das pessoas, é porque exprimia seus sentimentos, correspondia às suas aspirações e encerrava também a confirmação e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensinamento geral dos Espíritos, teria caído no esquecimento e no descrédito.*

*Qual foi então o ponto de convergência? Certamente não foi o homem, frágil obra que desaparece quando morre, mas a idéia que não se extingue quando provém de uma fonte superior ao homem.*

*Esta concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma grande correspondência, verdadeiro monumento histórico do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a doutrina fez nascer, os resultados morais, as dedicações, os desfalecimentos, arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Na presença dessas testemunhas, qual será o destino das falsas alegações da inveja e do ciúme?*

ção entre eles, reunir os diversos documentos, as instruções dadas pelos Espíritos sobre todos os pontos e assuntos, com o objetivo de comparar, analisar e estudar suas semelhanças e suas diferenças. Como as comunicações provinham de Espíritos de todas as ordens, com maior ou menor grau de esclarecimento, era necessário atribuir-lhes um determinado grau de confiança, distinguir as idéias sistemáticas individuais ou isoladas das que tinham a aprovação dos ensinamentos gerais dos Espíritos, as utopias das idéias práticas, afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da ciência positiva e da lógica, utilizar os ensinamentos decorrentes dos erros, as informações fornecidas pelos Espíritos, mesmo os da mais baixa categoria, para conhecimento do estado do mundo invisível e formar com isso um todo homogêneo. Era necessário, em resumo, a montagem de um centro de elaboração independente de qualquer idéia preconcebida, sem nenhum conceito de seita, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, mesmo que contrária às opiniões pessoais. Esse centro se formou naturalmente, pela força dos acontecimentos e sem nenhum planejamento antecipado. (4)

**53.** Uma dupla corrente de idéias se originou de todas essas coisas: uma dirigindo-se das extremidades para o centro, a outra encaminhando-se do centro para as extremidades. Desse modo, a doutrina caminhou

rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde surgiu; os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, devido ao isolamento em que ficaram diante da ascendente opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de idéias se estabeleceu entre os diversos centros. Falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se estimam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritos sentiram-se assim mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, pois não estavam mais isolados ao perceberem que tinham um ponto de apoio, uma ligação a uni-los à grande família. Os fenômenos que presenciavam não mais lhes pareceram estranhos, anormais, nem contraditórios, pois puderam associá-los às leis gerais da harmonia e descobrir uma finalidade grandiosa e humanitária em todo o conjunto. (5)

Como saberemos se um princípio é ensinado por toda parte ou se apenas exprime uma opinião pessoal? Como os grupos independentes não tinham condições de saber o que se passava em outros lugares, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para proceder a uma espécie de coro de vozes afinadas, para transmitir a todos a opinião da maioria. (6)

**54.** Não existe nenhuma ciência que saia pronta do cérebro de um homem. Todas,

---

*Nota de Allan Kardec (5): Os pedidos de preces que nos chegam das mais distantes localidades, desde o Peru até a extremidade da Ásia, feitos por pessoas de diversas religiões e nacionalidades, as quais nunca vimos, dão um significativo testemunho, tocante e notável, dessa comunhão de idéias que se estabeleceu entre os espíritos pela conformidade de suas crenças. Isto é um prelúdio da grande unificação que nos aguarda, e a prova de que por toda parte o Espiritismo lança fortes raízes. Devemos ressaltar que de todos os grupos que foram formados com a intenção de provocar cisão dentro do espiritismo ao proclamar princípios divergentes, da mesma forma que todos que se apoiaram em razões de amor próprio e que não desejaram se submeter à lei comum, se consideraram fortes o suficiente para caminharem sozinhos, e possuidores de luzes suficientes para recusar conselhos, nenhum deles chegou a construir uma idéia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram ou vegetaram na sombra. Não poderia ser de outro modo, pois para se colocarem em evidência, rejeitavam os princípios da doutrina, precisamente o que há de mais atraente e consolador nela, em vez de se esforçarem para proporcionar maior satisfação. Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que lhe constituíam a unidade, não teriam se embalado com ilusões fugidias. Ao contrário, considerando que o Universo fosse o pequeno círculo que constituíam, viram nos adeptos apenas uma camarilha, facilmente substituível por outra. Ao se equivocar no tocante aos caracteres essenciais da Doutrina, todos sofreram decepções. Em lugar de romperem a unidade, quebraram o único laço que lhes podia dar força e vida. (Ver Revista Espírita, abril de 1866, páginas 106 e 111, "O espiritismo sem os Espíritos", e "O Espiritismo independente").*

---

sem exceção, são fruto de observações sucessivas apoiadas em observações anteriores, em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Os Espíritos procederam desta forma em relação ao espiritismo. Emanam, daí, a razão dos ensinamentos serem gradativos. Eles enfrentam as questões apenas à medida que os princípios sobre os quais se apóiam estejam suficientemente elaborados e amadurecidos, para que a opinião possa assimilá-los.

Devemos destacar que todas as vezes que os centros particulares quiseram tratar de assuntos prematuros, obtiveram apenas respostas contraditórias, nada conclusivas. Quando, ao contrário, chega o momento oportuno, o ensinamento se generaliza e se unifica na quase totalidade dos centros.

Existe, entretanto, uma fundamental diferença entre o desenvolvimento do espiritismo e o das ciências, pois estas somente alcançaram, após longos intervalos, o estágio em que se encontram, ao passo que bastaram apenas alguns anos para o espiritismo, mesmo que não tenha chegado ao ponto culminante, conseguir recolher uma grande quantidade de observações que lhe permitiram formar uma doutrina. Este fato decorre da inumerável quantidade de Espíritos que por vontade de Deus se manifesta simultaneamente, trazendo cada um o resultado de seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da doutrina, em vez de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase que ao mesmo tempo, em apenas alguns anos, bastando apenas reuni-las para que o todo fosse estruturado. Deus quis que tudo se passasse desta forma,

para que em primeiro lugar a construção chegasse ao fim; em seguida, para que, por comparação, se pudesse conseguir um controle imediato e permanente da universalidade do ensino, pois as partes em si mesmas não têm valor agregado nem autoridade, só assumem sua importância quando conectadas com o conjunto, ao harmonizar-se com ele, cada coisa acontecendo no devido lugar e na hora oportuna.

Como Deus confiou o encargo de promulgar sua Doutrina tanto aos Espíritos como aos homens, tanto os mais elevados quanto os menores, solicitou aos homens que cada um trouxesse sua colaboração, pois assim seria estabelecido entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que foi o que faltou a todas as doutrinas originadas da mesma fonte.

Por outro lado, como todo Espírito e todo homem têm uma limitada quantidade de conhecimentos, eles não estavam aptos, individualmente, a tratar das inúmeras questões que envolvem o espiritismo. É por essa razão e também para atender aos desígnios do Criador, que a doutrina não podia ser obra de um só Espírito ou de um só médium. Ela só podia surgir do conjunto dos trabalhos, cada um deles comprovando os demais. **(7)**

**55.** Como todas as ciências de observação, a revelação espírita tem que ser essencialmente progressiva, pois se apóia nas condições em que elas são produzidas. Sendo Deus o autor das leis da natureza, o espiritismo alia-se à ciência, que é a exposição dessas leis em relação a determinada ordem dos fatos, e não pode,

---

*Nota de Allan Kardec (6): Esse é o objetivo de nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado de um trabalho apurado. Todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de haverem recebido a aprovação de todas as comprovações, e somente elas podem lhes dar força de lei e permitir afirmações. Esta é a razão pela qual não divulgamos levemente nenhuma teoria e é nisso exatamente que a doutrina, originada de um ensinamento geral, comprova não ser produto de um sistema preconcebido. É de onde tira, também, sua força que lhe garante o futuro.*

*Nota de Allan Kardec (7): Ver no O Evangelho segundo o Espiritismo "Introdução", item II, e Revista espírita, abril de 1864, página 90 "Autoridade da Doutrina Espírita, controle universal do ensinamento dos Espíritos".*

---

pois, ser contrário a essas leis. As descobertas realizadas pela ciência glorificam a Deus em vez de rebaixá-Lo, destruindo apenas o que os homens edificaram sobre as falsas idéias que formaram Dele.

O espiritismo estabelece como princípio absoluto apenas o que se acha completamente demonstrado, ou o que resulta da observação lógica. Ao se relacionar com todos os ramos da economia social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, o espiritismo sempre assimilará todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas e abandonado o domínio da utopia, sem o que se eliminaria. Se deixasse de ser o que é, mentiria sobre sua própria origem e ao seu fim providencial. Caminhando junto com o progresso, o espiritismo jamais será ultrapassado, porque se novas descobertas lhe demonstrarem estar errado acerca de um determinado ponto, ele se modificará nesse ponto. Se uma nova verdade for revelada, o espiritismo a aceitará. **(8)**

**56.** Uma vez que a doutrina moral do espiritismo não difere da do Cristo, qual é sua utilidade? O homem precisa de uma revelação? Ele não pode conseguir em si próprio tudo o que lhe é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, não resta dúvida que Deus deu um guia para os homens - sua consciência -, que lhes diz "Não faça a outra pessoa o que não quer que lhe façam". A moral natural está positivamente inscrita no coração dos homens, porém todos sabem utilizá-la? Será que nunca ignoraram seus sábios preceitos? O que fizeram da moral do Cristo? Como a

praticam aqueles que a pregam? Vocês reprovarão um pai que repete inúmeras vezes as mesmas instruções para os filhos, se eles não as seguem? Deus age como um pai de família. Porque não enviaria, de tempos em tempos, mensageiros especiais para lembrar aos homens seus deveres e reconduzi-los ao bom caminho quando eles se afastam dele, como também para abrir os olhos da inteligência aos que os mantêm fechados, da mesma forma como agem os homens mais avançados que enviam missionários para esclarecer os povos menos esclarecidos?

Os Espíritos nos transmitem a moral do Cristo, pela simples razão que é a melhor que temos. Mas de que servem os ensinamentos Dele, se apenas repisam o que já sabemos? A mesma coisa se poderia dizer da moral do Cristo, já que Sócrates e Platão ensinaram quase os mesmos conceitos quinhentos anos antes. Poderíamos também utilizar o mesmo argumento para todos os moralistas que apenas repetem a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! Os Espíritos vêm, apenas, aumentar a quantidade de moralistas, com a diferença que, manifestando-se por toda parte, pouco importa para eles que sejam ouvidos no casebre ou no palácio, tanto pelos ignorantes quanto pelos instruídos.

Os Espíritos acrescentam, à moral do Cristo, o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e os vivos, princípios que completam as vagas noções que se tinham da alma, de seu passado e de seu futuro, dando como garantia as próprias leis da natureza. Com o auxílio das novas luzes trazidas pelo Espiritismo e pelos Espíritos, o homem se reco-

---

**Nota de Allan Kardec (8):** *Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas como as constantes neste capítulo, caem por terra todas as alegações de tendências ao absolutismo e à autocracia dos princípios, bem como todas as falsas assimilações que algumas pessoas preconceituosas ou mal-informadas atribuem à doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas, e as temos repetido muitas vezes em nossos textos para que não persista nenhuma dúvida a esse respeito. Elas assinalam, também, o verdadeiro papel que nos cabe e que é o único que almejamos: o de sermos apenas um trabalhador.*

---

nhece solidário com todos os seres e compreende essa solidariedade; a caridade e a fraternidade se tornam uma necessidade social, pois ele faz melhor, por convicção, o que fazia unicamente por dever.

Quando os homens praticarem a moral do Cristo, poderão dizer que não mais precisarão de moralistas encarnados ou desencarnados, e quando isto acontecer, Deus não mais os enviará.

**57.** Uma das questões mais importantes desta obra é a seguinte: Podemos confiar na revelação espírita, já que ela provém de espíritos com conhecimentos limitados e, portanto, falíveis?

Não poderíamos confiar se a revelação espírita consistisse apenas e exclusivamente no ensinamento dos Espíritos e se tivéssemos que aceitá-la de olhos fechados; mas podemos confiar porque usamos o nosso raciocínio e nosso critério. Porque os Espíritos nos dão indicações e podemos deduzir e tirar conclusões da observação dos fatos. Na realidade o homem estuda essas manifestações que acontecem de inúmeras formas, as quais estuda para assim deduzir as leis, auxiliados neste trabalho pelos Espíritos, que dessa forma se colocam mais como colaboradores do que como reveladores, no sentido usual do termo. O homem submete os ensinamentos à comprovação da lógica e do bom senso e, desta forma, se beneficia dos conhecimentos especiais que os Espíritos dispõem pela posição em que se acham, sem abdicar do uso da própria razão.

Como os Espíritos são as almas dos homens, temos que considerar, seriamente, que não deixamos a humanidade ao nos comunicarmos com eles. Os grandes sábios, que foram luminares da humanidade, vieram do mundo dos Espíritos e voltaram para lá ao deixarem a terra. Como os Espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos sábios podem lhes transmitir instruções sob a forma espiritual, como o

fizeram sob a forma corpórea. Podem nos transmitir conhecimentos após morrerem, da mesma forma que faziam quando eram vivos; a única diferença é que são invisíveis em vez de visíveis. Se a palavra destes homens tinha autoridade quando encarnados, elas permanecem do mesmo jeito, nada tendo mudado apenas porque estão no mundo dos espíritos.

**58.** Não são apenas os Espíritos superiores, entretanto, que se manifestam, mas os de todas as categorias; era preciso que assim acontecesse para que pudéssemos nos iniciar no verdadeiro caráter do mundo espiritual, conhecendo todas as suas facetas. Temos como resultado, desta forma, relações mais íntimas e uma maior conexão entre os dois mundos. Vemos assim, mais claramente, de onde procedemos e para onde iremos, sendo esse o objeto essencial das manifestações. Todos os Espíritos sempre nos ensinam alguma coisa, independente do grau de elevação em que se encontram; compete a nós discernirmos o que existe de bom ou de ruim em tudo o que nos ensinam, tirando o melhor proveito possível. Concluímos então que todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que continuaríamos sem saber sem a ajuda deles.

**59.** Os grandes Espíritos encarnados são, sem qualquer contestação, individualidades poderosas, mas de ação restrita e de lenta propagação. Se qualquer um deles, Elias ou Moisés, Sócrates ou Platão, viesse nos revelar as condições do mundo espiritual, quem provaria a veracidade de suas afirmativas, nesta época de ceticismo? Não seriam tomados por sonhadores ou utópicos? Mesmo admitindo que tudo o que dissessem fosse verdade absoluta, passariam alguns séculos antes que a humanidade aceitasse suas idéias. Deus, em sua infinita sabedoria, entretanto, não quis

que as coisas acontecessem desta forma, mas que os ensinamentos fossem transmitidos pelos próprios Espíritos, simultaneamente por toda a terra, e não pelos encarnados, a fim de que pudessem convencer a todos de sua existência, para que os ensinamentos se propagassem com maior rapidez e para que, coincidindo em toda parte, constituísse uma prova da verdade, e facilitando para que cada um tivesse condições de se auto-convencer.

**60.** Os Espíritos não se manifestam com a finalidade de liberar o homem do estudo e das pesquisas, nem para lhes transmitir, já pronta, qualquer ciência. Os homens são entregues às próprias forças para que descubram por si mesmos. Os espíritos conhecem muito bem esta regra.

A experiência demonstra, já há muito tempo, ser errôneo atribuir aos Espíritos todo o saber e toda a sabedoria, e não basta a quem quer que seja dirigir-se ao primeiro Espírito que se manifeste visando conhecer todas as coisas. Embora não pertençam mais à humanidade, fazem parte entretanto de uma de suas faces. Da mesma forma que entre os encarnados, existem os Espíritos superiores e os vulgares e muitos têm menor conhecimento do que certos homens, se limitando a dizer apenas o que conhecem. Os Espíritos mais adiantados podem, da mesma forma que os homens, nos instruir sobre maior quantidade de coisas, de nos transmitir opiniões mais justas. Quando pedimos conselhos aos Espíritos não estamos entrando em entendimento com potências sobrenaturais, mas estamos nos dirigindo a seres iguais, a nossos parentes, a nossos amigos ou a indivíduos mais esclarecidos do que eles, tal como faríamos neste mundo.

É muito importante que todos se convençam disso, principalmente os que não tendo estudado o espiritismo, fazem uma idéia completamente falsa do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo.

**61.** Qual é então a utilidade dessas manifestações ou, se preferirem, dessas revelações, uma vez que os Espíritos ou têm o mesmo grau de conhecimento do que nós ou não nos dizem tudo o que sabem?

Como já declaramos anteriormente, os Espíritos não nos dão o que podemos adquirir pelo trabalho; em segundo lugar, porque existem coisas cuja revelação não lhes é permitida, pois nosso grau de adiantamento não nos permitiria compreendê-las. Além disso, as condições da nova existência deles aumentam seu grau de percepção, pois podem ver o que não viam na terra. Libertados do peso da matéria e sem ter que se preocupar com a vida corporal, olham as coisas de um ponto de vista mais elevado e, portanto, mais puro; a perspicácia de que gozam abrange um horizonte mais vasto e eles compreendem seus erros, revisam suas idéias e se livram dos problemas humanos.

É nisto que consiste a superioridade dos Espíritos em relação à humanidade corpórea e daí vem a possibilidade de que seus conselhos sejam mais sensatos e desinteressados do que os dos encarnados. O meio em que se encontram lhes permite promover nossa iniciação em tudo o que ignoramos sobre a vida futura, que não podemos aprender no ambiente em que vivemos. Até o momento, o homem apenas formulava hipóteses sobre seu futuro, razão pela qual suas crenças a esse respeito se fracionaram em tão numerosos e divergentes sistemas, desde o nihilismo até as concepções fantásticas do inferno e do paraíso. Atualmente eles são testemunhas oculares e os próprios atores da vida de além-túmulo, e que vêm nos dizer em que se transformaram, fato que só eles poderiam fazer.

Suas manifestações serviram, consequentemente, para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; mesmo que os Espíritos não pudessem nos ensinar qualquer outra

coisa, esse conhecimento já seria, por si só, de fundamental importância.

Se vocês viajassem para um país onde nunca estiveram, recusariam as informações que lhes fossem transmitidas pelo mais humilde camponês? Deixariam de interrogá-lo sobre os caminhos, apenas por ser ele um camponês? Certamente vocês não esperariam receber, por intermédio desse camponês, informações de grande alcance, mas ele poderia informá-los melhor sobre os assuntos dos quais ele tem conhecimento, do que os de um sábio que não conhecesse o país. Vocês tirarão de suas informações as deduções que ele próprio não tiraria, mas nem por isso ele deixa de ser um instrumento útil, embora seu leque de conhecimentos esteja circunscrito aos costumes dos camponeses. A mesma coisa se passa em nosso relacionamento com os espíritos, onde mesmo o menos qualificado pode nos ensinar algo de bom.

**62.** Uma comparação bastante simples tornará mais compreensível essa situação. Um navio carregado de imigrantes parte para um longínquo destino. Leva homens de todas as condições, parentes e amigos dos que ficaram.

Esse navio naufraga, não restando nenhum vestígio dele, ou qualquer notícia. Acredita-se que todos os passageiros morreram e o luto toma conta de suas famílias. Entretanto, toda a tripulação e os passageiros aportaram em uma ilha desconhecida, abundante e fértil, onde todos passaram a viver com muita fartura sob um céu clemente. Ninguém, entretanto, tem conhecimento desse fato, até que um dia um outro navio aporta nesta terra e encontra todos os naufragos sãos e salvos. A boa notícia se espalha com a rapidez do relâmpago, e todos exclamam "Nossos amigos não estão perdidos", e rendem graças a Deus. Embora não possam se ver uns aos outros, trocam correspondências e demonstrações de afetos, substituindo a tristeza pela alegria.

Esta é a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. Esta última, semelhante ao segundo navio, nos traz a boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de que nos reuniremos com eles, algum dia. Deixa de existir a dúvida sobre a sorte deles e a nossa; o desânimo se desfaz diante da esperança.

Mas outros resultados estimulam essa revelação. Estando a humanidade madura o suficiente para desvendar o mistério do seu destino e contemplar friamente novas maravilhas, Deus permitiu que fosse levantado o véu que ocultava o mundo invisível. As manifestações nada têm de sobrehumanas, pois é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal para dizer-lhe:

"Nós existimos, logo o nada não existe; isto é o que somos e o que vocês serão, e o futuro pertence tanto a vocês quanto a nós. Vocês caminham nas trevas e viemos clarear seus caminhos e indicar-lhes os roteiros, e como vocês andam sem destino certo, vimos apontar o objetivo. A vida terrena era tudo o que existia para vocês, porque nada viam além dela, e ao lhes mostrarmos a vida espiritual, podemos afirmar que a vida terrestre nada significa. Sua visão se limitava ao túmulo e nós desvendamos um esplêndido horizonte além dele. Vocês não sabem porque sofrem na terra, e agora, através do sofrimento, vocês enxergam a justiça de Deus. Aparentemente o bem não produzia nenhum fruto que pudesse servir no futuro. A partir de agora, o bem terá uma finalidade e será uma necessidade. A fraternidade que era encarada apenas como uma bela teoria, realça agora uma lei da natureza.

Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida, a imensidão é vazia, o egoísmo reina soberano entre vocês e sua palavra de ordem é Cada um por si. Com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam até seus limites, em

nenhuma parte existe o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres tanto aquém quanto além-túmulo. É o reinado da caridade sob a divisa "Um por todos e todos por um".

Antigamente vocês diziam um eterno adeus ao se aproximar o fim da vida, mas agora vocês dizem, apenas, um "Até breve". Esses são em resumo os resultados da nova revelação, que veio preencher o vácuo que a incredulidade cavava, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada e imprimir uma razão de ser para todas as coisas. Esse resultado será menos importante porque os Espíritos

não vêm resolver os problemas da ciência, trazer conhecimento aos ignorantes ou fazer com que os preguiçosos se enriqueçam sem trabalhar? Os frutos que o homem deve colher não dizem respeito apenas à vida futura, pois ele os saboreará na terra, pela transformação que estas novas crenças operarão necessariamente em seu caráter, em seus gostos, em suas tendências e, por conseqüência, em seus hábitos e em suas relações sociais.

Colocando um fim ao reinado do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, essas revelações preparam o reinado do bem, que é o reino de Deus, anunciado pelo Cristo. **(9)**

---

**Nota de Allan Kardec (9):** *O uso do artigo anteposto à palavra Cristo (do grego Christos, ungido) empregada em sentido absoluto é mais correto, pois essa palavra não é o nome do Messias de Nazaré, mas uma qualidade tomada substantivamente. Dir-se-á, Jesus era Cristo, era o Cristo anunciado; a morte do Cristo e não de Cristo, ao passo que se diz a morte de Jesus e não do Jesus. Em Jesus Cristo, as duas palavras reunidas formam um só nome próprio. É pela mesma razão que quando se diz o Buda, diz-se que Gautama conquistou a dignidade do Buda, em virtude de suas virtudes e austeridade, do mesmo modo que dizemos o exército do Faraó e não de Faraó; Henrique IV era rei, o título era rei, então dizemos a morte do rei e não de rei.*

Não deixe de ler as obras completas de Allan Kardec,  
que compõem a Codificação Espírita:

- **O Livro dos Espíritos**
  - **O Evangelho Segundo o Espiritismo**
    - **O Livro dos Médiuns**
      - **Céu e Inferno**
        - **A Gênese**
          - **Memórias Póstumas**

Como complemento do conhecimento, é muito importante ler a *Revista Espírita*, publicada mensalmente durante 12 anos, e que foi o laboratório onde Kardec desenvolveu e aprimorou toda a literatura e ensinamentos transmitidos pelos Espíritos.

**“ Vigiai e orai para que não entreis em tentação.  
O Espírito está pronto, mas a carne é fraca”.**

Jesus, Lucas 14,38